

EXPANSÃO DO POVOAMENTO NO ESTADO DO PARANÁ*

NILO BERNARDES

Geógrafo do C.N.G.

TÉCNICA DE ELABORAÇÃO DO MAPA

O problema da confecção deste mapa resumiu-se em fixar algumas linhas que representem o limite, em determinadas épocas, entre a área do estado já povoada de modo mais ou menos denso e a área ainda não povoada efetivamente.

Êste critério, em teoria óbvio e fácil de ser aplicado, na prática apresenta numerosas dificuldades, nem sempre contornadas satisfatoriamente, principalmente tratando-se de um estado como o do Paraná, cujo povoamento nos últimos tempos tem-se realizado, em grande parte, de modo irregular, se assim se pode exprimir. Isto acontece principalmente no oeste onde os primeiros povoadores anônimos penetram quilômetros no interior da mata, dando origem a um povoamento ralo, de escassa densidade e limites de tal modo imprecisos, que em uma enorme área, equiparável à de muitos municípios do Leste, passa-se insensivelmente da zona povoada para a não povoada. Assim, por exemplo, se processou a ocupação da maior parte do município de Tibaji e das zonas ao longo das vias de comunicação de Guarapuava com Foz do Iguaçu e com Campo Mourão.

Por outro lado, certas áreas em que foi tentada a colonização ou nas quais havia intensa exploração dos produtos florestais entraram em decadência, restringindo-se a área povoada: tal problema vamos encontrar ao longo do rio Paraná, desde Foz do Iguaçu até Guaíra.

O principal elemento de que se dispôs para traçar cada uma das isocrônicas do povoamento foi o conhecimento atual do autor das condições geográficas do mesmo, bem como de sua evolução histórica; êste conhecimento resultou em grande parte de várias excursões realizadas ao estado do Paraná. Também foram elementos valiosos os numerosos relatórios e mapas de colônias existentes no Departamento de Terras e Colonização em Curitiba. As *Mono-*

* Êste trabalho, elaborado em 1950, faz parte de uma série de mapas e textos cuja finalidade é contribuir para um atlas da colonização no estado do Paraná. A idéia deste atlas partiu do saudoso professor LEO WAIBEL, então assistente-técnico do Conselho Nacional de Geografia. Seu entusiasmo contagiante pelos assuntos relativos a povoamento e utilização da terra no Brasil estimulava a todos que tiveram oportunidade de com êle trabalhar. Assim imaginou vários mapas que ilustrariam tópicos da geografia da colonização no estado e sob sua orientação muitos foram levados a terno embora alguns não pudessem ter sido executados devido à impossibilidade de obtenção de dados. O presente artigo sobre a expansão do povoamento no estado do Paraná, inseparável do respectivo mapa, pretende dar um quadro claro das condições geográficas e históricas no processo do povoamento, servindo como introdução ao estudo dos fatos da geografia humana no estado: colonização européia, utilização da terra, distribuição da população, distribuição da produção, etc. Aqui, portanto, se entrelaçam a Geografia e a História para permitir melhor compreensão das condições atuais do estado, tal como se expõe nos outros tópicos imaginados pelo professor LEO WAIBEL.

grafias Municipais organizadas pelo IBGE, por intermédio de seus agentes municipais de Estatística, também são preciosas, pois sua parte inicial refere-se justamente ao povoamento e às datas das primeiras penetrações¹.

Alguns mapas antigos (1876, 1901, 1908, 1920, etc.) também forneceram elementos pelas indicações que trazem, não só dos caminhos nas áreas já povoadas, como também dos pequenos povoados que surgem nos limites da zona civilizada com o sertão. Exemplo bem expressivo, reforçado pela toponímia, encontra-se no “Esquema das Comunicações do Paraná” pelo Eng. CÂNDIDO F. DE ABREU (1901, esc. 1:2 500 000): ao longo da rota que, de Tibaji, demandava Mato Grosso, passando pela colônia militar de Jataí; pouco depois dos Campos Gerais, figura um povoado com o nome de “Entrada do Sertão”; daí por diante, a estrada é indicada como uma simples trilha de tropas.

Com êstes elementos procurou-se então traçar os limites do povoamento. Para maior facilidade de execução as linhas foram traçadas segundo ordem inversa à cronológica.

Para a situação atual foi quase suficiente o conhecimento do oeste paranaense adquirido por observação pessoal direta e informações colhidas no local.

Quanto às linhas anteriores, foram escolhidos os anos de 1940, 1920 e 1900, por constituírem intervalos regulares de vinte anos, e, principalmente, por corresponderem a datas em que se realizaram recenseamentos.

Ao se traçar cada linha um conceito fundamental se impõe: como considerar uma área realmente “povoada”? A resposta, na verdade, não é simples e tôda uma doutrina a respeito poderia ser estabelecida. Não se trata aqui de estabelecer uma definição ou se ensaiar critérios para distinguir o que pode ser considerado “área povoada”. Procurou-se resolver o problema tendo em vista as modalidades que apresenta o povoamento no estado do Paraná e a solução que se deu poderá ser aplicada ou adaptada a outros estados ou regiões.

Três casos principais se patentearam ao se elaborar o mapa:

O primeiro dêles não apresenta dificuldade no que se refere ao reconhecimento da área povoada. Trata-se do “Norte do Paraná”, zona limitada a *grosso modo* pelo paralelo de 24°. Na sua maior parte esta zona foi povoada a partir de São Paulo, através dos rios Itararé e Paranapanema. A ocupação da terra realizou-se de modo mais ou menos regular e a zona povoada alargou-se continuamente apresentando-se como o avanço de uma “frente pioneira” sôbre a mata virgem. Tudo se resume, então, em localizar a posição desta frente pioneira em diversas épocas. Com dados mais numerosos e mais seguros, poder-se-ia traçar as linhas com maior precisão. Pelas indicações referentes ao povoamento desta região, colhidas nas monografias municipais e outras referências bibliográficas, é possível identificar-se certas áreas em dada época povoadas, embora seus limites não se afigurem precisos: assim, na maior parte

¹ Lamentavelmente muitas delas não são mais pormenorizadas a respeito; nem sempre são precisas nas informações que fornecem e para alguns municípios os dados de povoamento são falhos. Não fôsse isto e estas monografias poderiam ser a base para êste e qualquer outro mapa no gênero.

dos casos somente foi possível traçar dentro de cada município, ao sentimento, uma curva generalizada. Vistas no seu conjunto, entretanto, estas curvas refletem perfeitamente o progresso da frente pioneira no norte do Paraná, desde o rio Itararé até o pontal Paranapanema — Ivaí — Paraná.

Para o sul do paralelo de 24.º, fora da zona de solos de “terra-roxa” que determinaram a alta valorização das terras, o povoamento na maior parte dos casos se fez de modo diverso: ocupantes definitivos das terras, os que vão possuí-las e explorá-las, são precedidos por batedores anônimos que salpicam a mata em largas áreas, indivíduos geralmente semi-nômades, que são os primeiros a explorar os ervais e os pinhais, ou a fazer grandes roças em terrenos devolutos. Os caracteres do povoamento, assim resultante, dificultam o reconhecimento da área que pode ser considerada como povoada; êste limite é impreciso e os elementos da vanguarda estão isolados e desconhecidos da área civilizada, bem ao contrário dos pioneiros do Norte.

Há ainda um outro fator a considerar, no que se refere aos anos anteriores a 1900: as áreas de campo (quatro grandes áreas no Paraná) foram as primeiras a ser povoadas, o que aconteceu no século XVIII e início do XIX. Entre elas as comunicações se faziam de modo relativamente intenso e torna-se difícil saber se em dada época estavam ou não povoadas a periferia dos campos e as zonas de matas atravessadas por êstes caminhos.

Como proceder nestes casos? Pelos elementos de que se dispõe, pôde-se reconhecer que uma determinada área, em certa época, já estava povoada (embora apresentando fraca densidade demográfica) ou em vias de povoamento, quando se trata de uma colônia cuja evolução conhecemos com segurança. No caso, uma área é considerada “povoada” quando já se esboça uma organização econômica e há, apesar da precariedade das comunicações, um regime de trocas com a retaguarda, isto é, com os centros mais civilizados. Perto desta área é possível identificar também uma outra ainda deserta. Entre estas duas permanece um espaço intermediário, nunca superior à ordem de 20-30 quilômetros nos casos mais vagos, sobre o qual paira a dúvida. Traça-se então uma linha mediana, admitindo-se que ela represente a transição, às vezes mais, às vezes menos precisa, para o vazio demográfico. Além desta linha, presume-se, moram os elementos isolados e dispersos que começam a fazer recuar o sertão. Difícilmente se pode reconhecer nela uma “frente pioneira” nos moldes do norte do Paraná e do oeste de São Paulo.

Em terceiro lugar, há ainda a considerar o seguinte; em não poucos casos teve-se que omitir, propositadamente, certas povoações ou pequenos núcleos rurais localizados no âmago da mata deserta. São núcleos formados junto a longas vias de penetração, com função de etapa. Cite-se, como exemplo, Jataí-zinho e Campo Mourão. A primeira teve origem na colônia militar de Jataí, fundada em 1855, no ponto em que o caminho para Mato Grosso atingia o rio Tibaji. Esta colônia jamais se expandiu, não passando de um pequeno núcleo estagnado, mais ou menos isolado na mata e em 1900 a onda povoadora, que mais tarde viria atingi-la, ainda estava a uma centena de quilômetros para leste.

O mesmo acontece com Campo Mourão, povoação surgida anônimamente no interior da zona despovoada e que se tornou uma base de apoio para os batedores do sertão que por aí circulavam visando às barrancas do rio Paraná. Em 1920 já existia aí um minúsculo povoado (sendo assinalado nos mapas da época) quando ainda se processava o povoamento ao longo da estrada entre Guarapuava e Pitanga.

Se fôsse possível traçar as linhas com rigor ainda maior, e menor intervalo de anos, justificar-se-ia que êstes pontos fôssem assinalados por convenções especiais indicando sua prioridade no povoamento. Porém, o gênero de mapa um tanto generalizado que se foi obrigado a adotar, devido à natureza dos dados disponíveis, e à escala do mesmo não comportar êste pormenor.

Dêste modo foram traçadas as isocrônicas entre 1900 e 1950.

No que se refere à situação nos anos anteriores a 1900, a representação da expansão do povoamento torna-se ainda mais complexa, devido não só à maneira como se processou, como também à impressão ainda maior dos dados históricos e cartográficos. À ocupação inicial dos dois núcleos de mineração, a baía de Paranaguá e o vale do Açungui, seguiu-se a das zonas de campos, paulatinamente povoados pelos criadores de gado. Em ambos os casos não se conhece bem ainda quando se deu a passagem gradual da fase de exploração para a de povoamento. Seria necessária, então, uma pesquisa diligente, um trabalho mais de historiador paciente, que entretanto deverá ser feito para o futuro. Por outro lado, a tendência da expansão sôbre as terras de mata, que se esboça desde o início do século XIX, motivada pela agricultura e, sobretudo, pela exploração dos ervais nativos, acentuou-se a partir dos meados do mesmo século e o conhecimento das áreas povoadas daí resultantes ainda se apresenta por demais impreciso. A tentativa de representação das mesmas não teria o mesmo rigor relativo que as de 1900 em diante, prejudicando então o grau de exatidão que se pretende dar ao mapa. Preferiu-se traçar então uma linha interrompida, mais ou menos vaga, esboçando a situação em 1850; algumas datas anteriores a esta, colocadas no mapa, auxiliarão a compreensão de como se foram formando os principais núcleos de povoamento, no decorrer dos dois séculos que antecedem à criação da Província do Paraná (1853).

O presente mapa pode ser considerado como "preliminar," e por êle serão encaminhadas pesquisas mais minuciosas, já facilitadas com a focalização dos principais problemas. As vantagens e aplicações que êle apresenta desde já são numerosas. Sem contar o grande auxílio que constitui para os historiadores, seu emprêgo nos mapas de representação de fenômenos de geografia humana é valioso. Assim, por exemplo, a coincidência premeditada de suas isocrônicas com os anos de 1900, 1920 e 1940, em que se realizaram recenseamentos, vem facilitar a utilização cartográfica dos dados estatísticos em que se representam densidades (de população, de produção, etc.); ao invés da área total do município pode-se passar a adotar sômente a área já povoada na época, obtendo-se resultados mais corretos, mais próximos da realidade.

Mais do que tudo, evidenciada sua necessidade, é de crer-se que representa também um estímulo para a tentativa de outros mapas no gênero relativos a outras regiões do Brasil.

A EXPANSÃO DO POVOAMENTO E SUAS CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS

I — ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A mineração. Origem dos primeiros povoadores.

Os vicentistas rebuscando o litoral paulista à cata de ouro, foram os primeiros povoadores do atual território paranaense. Moradores de Iguape, explorando as margens da baía de Paranaguá, descobriram aluviões auríferas nos córregos e rios que descem da serra do Mar e nos anos de 1630-1640 formavam os primeiros arraiais litorâneos. O principal dentre êles seria futuramente a cidade de Paranaguá. Simultaneamente mineradores, também vicentistas, progredindo pelo vale profundo do rio Ribeira alcançaram seu afluente, o Açungui, e pouco mais tarde atingiram o planalto curitibano.

Dêste modo formaram-se os dois primeiros núcleos da população paranaense: Açungui e Paranaguá. Inconscientemente, talvez, os povoadores de Açungui contornaram a serra do Mar que foi por muito tempo o grande obstáculo dificultando as comunicações entre os dois núcleos. Quase todos os vales tributários do Ribeira e da baía de Paranaguá passaram a ser percorridos. Números povoadores acorreram a estas duas zonas de mineração cujo futuro parecia promissor. Muito cedo, porém, escassearam as aluviões auríferas e o trabalho nas grupiarias tornou-se cada vez mais ingrato. Povoados efêmeros surgiram e em poucos anos entraram em decadência. Concomitantemente, novos focos de povoamento revelaram-se com a descoberta do ouro em Minas Gerais e Cuiabá. Dêste modo, ao se iniciar o século XVIII, acelerou-se o declínio da mineração no território do atual estado do Paraná.

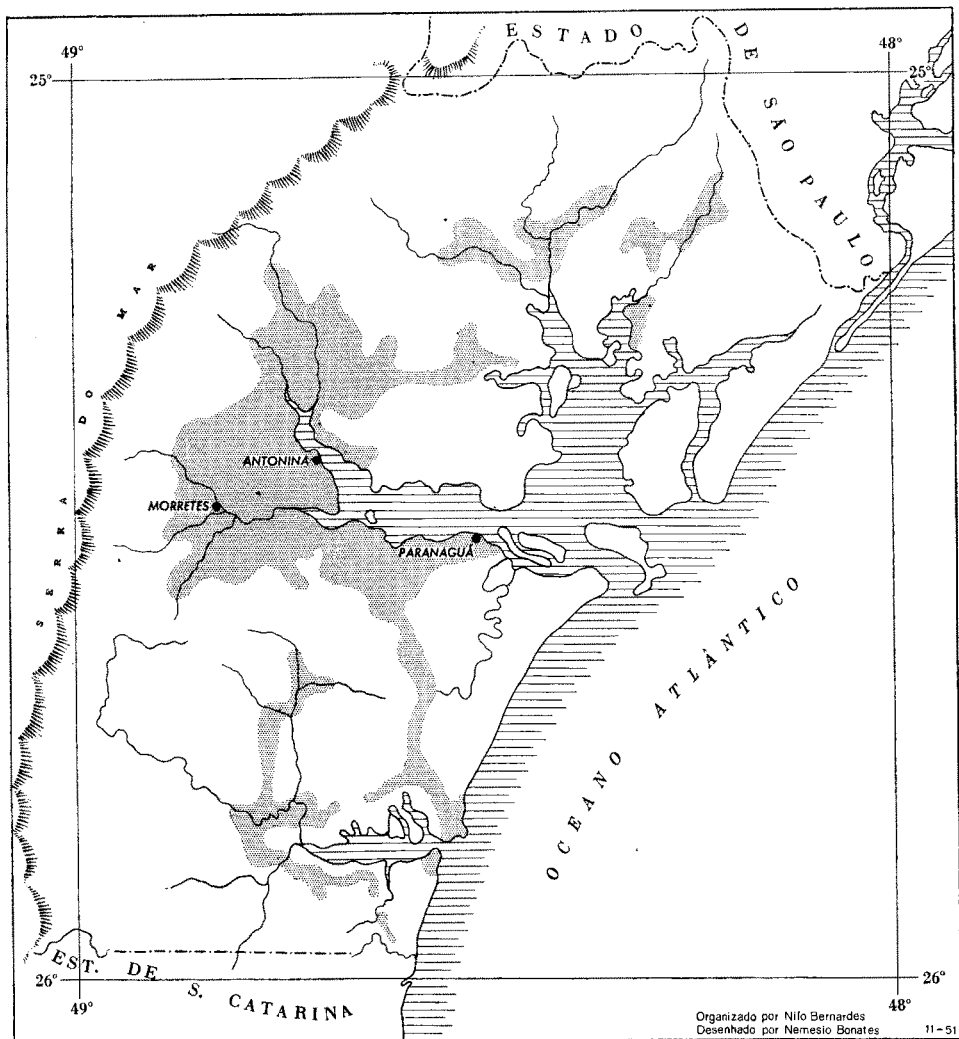
Reveladas pela extração mineral, estas duas zonas do Paraná não tinham possibilidades para manter a população que nelas se fixara. Esta era, pelo seu modo de vida, instável: o minerador, como sempre tem acontecido, não tinha apêgo à terra, e somente adotava um novo modo de vida quando a região oferecia oportunidades para tal. Caso contrário, mantinha viva sua ambição deslocando-se para novas regiões de extração mineral.

O litoral e a bacia do Ribeira não ofereciam ao povoamento, condições físicas tão favoráveis como outras zonas de São Paulo e do Paraná.

Somente a ambição de riqueza fácil deu ânimo à exploração dos vales insalubres e das baixada úmidas do litoral, das encostas alcantiladas da serra do Mar e de seus contrafortes cobertos por mata densa e intrincada. No litoral, após a decadência da mineração, por muitos anos, até meados do século passado, somente se manteve povoada uma pequena faixa em tórno de Paranaguá, Antonina e Morretes, além de pequenos núcleos estagnados nos fundos dos estuários que se abrem para as baías de Paranaguá, Laranjeiras e Guaratuba.

Aquelas três cidades, com predominância da primeira, repartiam as funções de portos, de onde se partia para atingir o planalto: devido a estas condições elas se mantiveram por muitos anos, enquanto os demais núcleos litorâneos que não gozavam de uma localização tão vantajosa, jamais floresceram. Na sua quase totalidade, o litoral entre a serra e o mar, permaneceu

um sertão deserto² que sòmente a partir de 1876 sofreria uma nova tentativa de ocupação.



Áreas ocupadas no litoral do estado do Paraná, segundo as fotografias aéreas em trimetragon da região. Fora das zonas em grisê assinaladas no mapa não se observam sinais de ocupação humana a não ser em raros pontos da costa.

A outra zona de mineração, a do Açungui-Ribeira, não teria melhor sorte. A exploração aurífera, contudo, não se limitara aos vales fundos e estreitos do alto Ribeira: galgara o planalto e expandira-se até o sopé da serra do Purunã a oeste, e a encosta interior da serra do Mar a leste. Nesta expansão sobre o planalto, gente do litoral, transpondo a serra, por caminhos difíceis, vinha juntar-se aos que remontavam o Ribeira. Os principais “arraiais” surgiram nas zonas de Açungui (Açungui de Cima), Bocaiuva (Arraial Queimado), Campo Largo, São José dos Pinhais (Arraial Grande, junto à serra do Mar), etc.

² O termo “sertão”, é aqui empregado sempre no sentido de “vazio demográfico”.

As décadas de 1720 e 1730 marcam a decadência completa da extração mineral no Paraná. Já não era um trabalho fácil, remunerador, e o braço escravo, principal mão de obra para um empreendimento de maior vulto, era absorvido pelas zonas auríferas ricas que surgiam em outras regiões do país.

Acentuando-se a decadência, os povoadores foram abandonando a zona montanhosa do Açungui, retraindo-se para a zona do planalto propriamente dito, mais saudável, de clima ameno e relêvo suave, onde as comunicações se faziam facilmente.

A pecuária no planalto de Curitiba

No planalto, sob outras condições naturais, mudou o eixo da economia: a “bateia” foi sendo suplantada pelo “laço”, o “curral” sucedeu à “lavra”, os “arraiais” foram desaparecendo. Os mineiros que, renunciando à ambição do ouro não participaram do êxodo para as novas minas, tornaram-se sedentários e transformaram-se em criadores de gado e tropeiros.

Os exploradores do planalto vindos do Açungui, por um lado e do litoral, por outro, chegaram à borda de uma grande zona campestre, entrecortada por numerosos capões e manchas maiores de mata, que atualmente conhecemos como *campos de Curitiba*. Vários arraiais surgiram na periferia destes campos. Um deles, porém, situado no ponto em que o caminho das minas do Açungui saía da mata, foi escolhido em 1693 para sede de uma *vila*, origem da atual cidade de Curitiba.

Indica, êste fato, até que ponto os dois sistemas econômicos se ligavam e como já se mostrava importante a pecuária naqueles campos: a vila foi criada em um local onde os habitantes da mata e os do campo entravam em contato. Ela não surgiu de um arraial formado exclusivamente por mineiros nômades. Resultou do desejo de elementos radicados, moradores dos campos, que ao fundarem a vila e constituírem as primeiras autoridades mostravam sua determinação em adotar definitivamente a nova terra. Revelava-se desde então o papel preponderante que a pecuária teria no povoamento do Paraná.

O gado foi trazido para êsses campos devido à necessidade que tinham os mineiros de uma fonte de abastecimento próxima. A agricultura, ao lado da mineração teve sempre uma importância desprezível. Roçar, semear, cuidar da plantação, etc. tomava mais tempo do que criar. A pecuária nos moldes com que era feita nos primeiros tempos, e de certo modo até mesmo nos dias atuais, pouco diferia de uma extração, com a vantagem de dar menos trabalho. Muitos dos primeiros criadores eram também mineradores.

As fazendas de gado surgiram no Paraná pela necessidade de abastecer as populações mineiras próximas; abastecer não só de carne, como também de animais de carga³. Esta mesma necessidade manifestando-se com maior intensidade nas minas que foram florescendo em regiões mais remotas, fez com que se multiplicassem as fazendas no Paraná e o povoamento se expandisse pelas zonas de campo localizados mais a oeste.

³ V. CAJO PRADO JR. — *Formação do Brasil Contemporâneo* — Colônia, 2.^a ed. S. Paulo, 1945, p. 55.

Expansão da pecuária nos campos gerais

Já desde as primeiras expedições dos mineradores tornara-se conhecida dos mesmos uma nova área de campos os quais por sua vastidão, estendendo-se desde o rio Itararé até o rio Iguaçu, como um enorme arco com largura variando entre 30 a 60 e até 100 quilômetros, são até hoje designados por "Campos Gerais". Formados sôbre um relêvo suave, de ondulações que descambam insensivelmente para oeste, cobertas por uma vegetação rasteira de graminéas, apenas interrompidas aqui e ali por um capão ou uma mancha maior de mata em que se sobressai a imponente araucária, desimpedidos para a circulação fácil em todos os sentidos, os Campos Gerais tornaram-se o foco do povoamento do Paraná, ao iniciar-se o século XVIII ⁴.

Trazidas do litoral nos primeiros anos de povoamento, as primeiras cabeças de gado multiplicaram-se rapidamente na zona de Curitiba, e daí foram levadas, posteriormente, as que iriam iniciar a ocupação dos Campos Gerais. Esta nova zona de criação, contudo, foi impulsionada por novos fatores e sujeita a novas correntes de povoamento.

Nas suas investidas contra as missões jesuíticas do Rio Grande do Sul, os paulistas de Piratininga tomaram conhecimento das grandes pastagens naturais da região e dos rebanhos de gado que aí viviam à sôlta ("vacarias"); lá se desenvolveria também uma importante zona de criação de muares, animais de carga, que serviriam nas minas que os paulistas iam descobrindo em Goiás e Minas Gerais. O tráfico de gado e tropas que então se originou para São Paulo, foi pode-se dizer, a base do povoamento do Paraná.

O "caminho do sul" ("estrada de gado", "estrada das tropas"), que começando nas campanhas meridionais demandava a cidade de Sorocaba, ao sair das matas do Rio Negro encontrou nos Campos Gerais a sua grande via natural de desenvolvimento. É sabida a predileção que os paulistas tinham em aproveitar as zonas de vegetação aberta de campos naturais (campos limpos e campos cerrados) para as grandes vias de comunicação terrestre. O horizonte desimpedido, o relêvo quase sempre suave, a pouca freqüência dos índios e facilidade de defesa contra os mesmos, tornavam a marcha fácil e segura. Providencialmente quase todo o território do Paraná podia ser atravessado, do Rio Negro ao Itararé, nas condições acima. Era certamente um percurso mais longo do que se seguisse diretamente de Curitiba a São Paulo, cortando por Apiaí. Mas êste itinerário tornava-se impraticável para os animais devido não sômente às condições de relêvo no vale do Ribeira como também à densa mata que aí existia em larga extensão. Seguindo os Campos Gerais contornava-se esta região de transposição difícil. A circulação estabe-

⁴ A. DE SAINT-HILAIRE, que os percorreu em 1820, nos dá a seguinte descrição: "Êstes campos constituem certamente uma das mais belas regiões por mim percorridas desde que chegara à América; não são suficientemente planos para aparentar a monotonia de nossas planícies da Beauce; contudo as ondulações do terreno não são tão acentuadas a ponto de limitar o horizonte. Até onde se estende a vista descortinam-se imensas pastagens; capões onde domina a útil e majestosa Araucária, estão esparsos aqui e ali nas depressões e contrastam por seus tons sombrios com o verde encantador das campinas. Algumas vêzes afloram nas encostas das colinas bancos rochosos, originando o aparecimento dos lençóis d'água que se precipitam nos vales". "Descrição dos Campos Gerais", transcrito in *Boletim Geográfico*, Conselho Nacional de Geografia, ano VII, julho de 1949, n.º 76, p. 317, tradução de LYSIA e NILO BERNARDES.

leceu-se então, espontânea e facilmente desde os primeiros anos do século XVIII. Os primeiros pousos de tropas foram surgindo e muitos dêles se tornaram os primeiros núcleos de povoamento estável. Muitas das cidades que hoje existem nos Campos Gerais surgiram dêstes pousos, ao longo do caminho do Sul: Jaguariaíva, Piraí (Furnas) Castro (Pouso do Iapó, no local onde o caminho atravessava o rio dêste nome) Ponta Grossa, Palmeira (Freguesia Nova) Lapa (Vila do Príncipe). Na travessia do rio Negro, quando o caminho já começava para o sul a percorrer a mata, originou-se um povoado (Capela da Mata) que daria origem às cidades gêmeas de Rio Negro e Mafra. Aí foi iniciado em 1829 o primeiro núcleo de agricultores europeus (alemães) introduzidos no território do atual Paraná. A fundação do mesmo visava povoar as matas vizinhas, cuja ocupação não se fazia espontaneamente como nos campos. Povoando as margens do caminho, que aí tomava o sugestivo nome de “estrada da mata”, facilitava-se a conservação do mesmo e afastava-se o perigo dos índios que infestavam a região⁵.

Zona de passagem a princípio, os Campos Gerais tornaram-se, também logo depois, zona produtora, contribuindo para engrossar as tropas que seguiam para o norte. O próprios tropeiros que por aí circulavam procuraram estabelecer aí suas fazendas, não desmerecendo assim, as vantagens que apresentavam estas pastagens para a criação e engorda dos animais vindos do sul. A principal delas, além das condições apropriadas para a criação em si, era, certamente, a maior proximidade do centro consumidor. Assim, nos anos de 1710 em diante, as sesmarias iam sendo requeridas em número cada vez maior e os “currais” (fazendas) se foram repetindo ao longo do caminho de tropas.

A zona de Curitiba desde logo se ligou aos Campos Gerais através dos pinheirais da região de Campo Largo, já há muito explorada pelos catadores de ouro. Em contacto com o litoral e os Campos Gerais, centro urbano de uma zona criadora não menos importante que êstes, embora pequena, Curitiba jamais viu diminuir sua preponderância no planalto. Primeiro centro administrativo criado acima da serra, ela foi, também, naquele tempo, um foco de propagação de povoadores.

Ao findar o século XVIII, quase tôda a área dos Campos Gerais estava povoada, embora escassamente. Na ânsia de expansão as propriedades eram vastas e, além disso, o gênero de vida criado pela pecuária extensiva não era, como não o é até hoje, propício à formação de densidades demográficas rurais apreciáveis. A oeste, nos confins dos campos, onde já numerosas manchas de mata acentuam a transição para a zona florestal, o povoamento ainda não se estabilizara na época em questão, devido à hostilidade dos indígenas. Pouco a pouco, porém, êste inconveniente era afastado e a expansão das fazendas sofria uma breve paralisação para depois manifestar-se em outras regiões paranaenses. O planalto adquiria, nesta época, a supremacia econômica e social sôbre o litoral. Em 1812 a sede da comarca era transferida de Paranaguá para Curitiba. Embora esta se tenha mantido, até a criação da província em 1853, comercialmente inferior a Paranaguá, em 1812 já se patentea-

⁵ Tentativa no gênero já se fizera em 1816 com alguns casais de açorianos, mas êstes não se radicaram.

va que as condições geográficas lhe conferiam vantagens políticas, sociais e administrativas.

A ocupação dos campos do terceiro planalto

Por notícias mais ou menos vagas, os habitantes dos Campos Gerais sabiam da existência de outros campos mais a oeste. Várias expedições oficiais foram enviadas pelo governador da então capitania de São Paulo, e afinal, em 1810, os luso-brasileiros, fincavam pé, definitivamente, nos “campos de Guarapuava”, como passaram a ser conhecidos êstes campos sôbre o terceiro planalto paranaense, que se dispõem em uma enorme mancha atravessada ao meio pelo alto rio Jordão, subafluente do Iguaçu. Alguns anos mais tarde, em uma tentativa de se estabelecer comunicações entre os campos de Guarapuava e os do Rio Grande do Sul, descobriu-se uma nova zona campestre que cobre boa parte do espigão divisor Iguaçu-Uruguai, a qual recebeu a designação genérica de “campos de Palmas”. Novos horizontes se abriam, então, para a expansão da pecuária, e portanto do povoamento, no Paraná. A zona de Palmas, contudo, devido às dificuldades iniciais de comunicação, sômente mais tarde seria povoada.

Chegava-se a êsses campos partindo-se de Guarapuava e atravessando o vale do Iguaçu que aí se apresenta como um *cañon* de difícil transposição.

A povoação que daria origem à cidade de Palmas foi iniciada por volta de 1840, após uma série de vicissitudes de emprêsas que tentaram a ocupação dêstes campos. Seis anos mais tarde, uma picada ligava Palmas diretamente aos Campos Gerais, passando o Iguaçu no sítio da atual cidade de União da Vitória. Neste local, onde o Iguaçu, saindo das grandes várzeas marginais, atravessa a escarpa do terceiro planalto paranaense, tinha sido fundado em 1776 um entreposto militar para servir de base para as expedições povoadoras dos campos do oeste (Pôrto N.S. da Vitória).

Estas duas zonas de pastagens — Guarapuava e Palmas — foram, a princípio, “complementos” dos Campos Gerais, isto é, os fazendeiros dêstes requeriam sesmarias naqueles e para lá mandavam seu gado excedente aos cuidados de um capataz. Não tardou porém, que as comunicações se tornassem melhores e mais seguras: numerosos fazendeiros foram lá se estabelecer e aí foram-se formando economia e sociedade rural própria.

Em meados do século passado, pode-se dizer, estava quase completa a expansão do povoamento sôbre as áreas do Paraná recobertas por vegetação campestre. Apenas vagamente se conhece a área florestal abrangida também pela zona povoada nesta mesma época⁶.

As faixas de mata vizinhas dos campos, é de se crer, foram ocupadas logo após êstes. Além de constituírem um abrigo natural para o gado durante o inverno rigoroso (invernada) nelas se praticava a agricultura que abastecia

⁶ No mapa da expansão do povoamento no estado do Paraná que acompanha êste artigo não se teve elementos para representar satisfatoriamente as zonas povoadas em meados do século XIX. É de crer que a linha vaga que se traçou exagere às vêzes a área despovoada, como ao norte e ao sul de Curitiba, e às vêzes a área povoada, como seria o caso de Paranaguá. Enfim, procurou-se dar a melhor idéia possível da situação.

os habitantes dos campos. Assim, grande parte das matas do primeiro planalto (zona de Curitiba) já estava certamente povoada nesta época.

Das matas de araucárias dos arredores de Curitiba saía a maior parte da produção agrícola da então “comarca de Paranaguá e Curitiba”. Contudo, apesar de prover a maior parte das necessidades dos habitantes locais, a agricultura na região estava relegada a um plano secundário. A vocação dos naturais da comarca era criação e comércio do gado, atividade que lhes proporcionava lazeres, a única por eles julgada compatível com a dignidade e o espírito de liberdade e heroísmo. Ao ser instalada a província do Paraná a sociedade baseava-se estruturalmente na pecuária. No planalto os agricultores e os comerciantes, também luso-brasileiros, embora seu número não fôsse muito reduzido, não eram elementos representativos da sociedade, ao contrário do que se dava no litoral.

Entre os Campos Gerais e os de Curitiba há ainda um confronto a fazer. Nestes, a área é menor e as manchas de mato são mais freqüentes, constituindo não um campo limpo propriamente dito, como a maior parte dos campos de Palmas, de Guarapuava e dos Gerais, mas um tipo de “vegetação-mista de mata e campo limpo”. Em tôrno de Curitiba as fazendas fragmentaram-se dando origem a uma sociedade de pequenos e médios fazendeiros, o que só excepcionalmente se encontraria nas demais zonas criadoras à época considerada. Paralelamente os de Curitiba eram, em pequena escala, também lavradores, e a explicação natural que nos ocorre para êste fato já SAINT-HILAIRE⁷ sugeria em 1820: estavam êstes habitantes da zona de Curitiba muito próximos do litoral que era o consumidor dos produtos excedentes e além disso possuíam em suas terras maior proporção de solos florestais os quais, como já assinalamos, eram preferidos para a lavoura. Todavia não se dedicavam à agricultura com a mesma ênfase que à pecuária. O próprio SAINT-HILAIRE nos fala de como as autoridades estabeleciam áreas obrigatórias de cultivo e das ameaças que foram necessárias para que os agricultores adotassem a cultura do trigo.

No que se refere à ocupação das matas em tôrno de Curitiba e Campo Largo há um outro fator que pode ser julgado tão importante, senão mais do que os demais: a erva-mate. A coleta dêste produto florestal, com efeito, foi um fator para a ocupação de muitas áreas do Paraná, como o é ainda hoje em dia, com menor importância é claro. De consumo puramente local, nos primeiros séculos de povoamento, o mate passou posteriormente a ser produto importante de exportação. Êste movimento exportador começou nas primeiras décadas do século passado e se intensificou enormemente a partir da década de 1850. Mais uma vez encontra-se em SAINT-HILAIRE⁸ a explicação para tão interessante fato muito ligado ao povoamento. A erva-mate do Paraná, que até então (1820) tinha pouca aceitação, fora do mercado interno brasileiro, passou a ser importada pelas populações platinas que se viram privadas do seu principal fornecedor, o Paraguai, devido às crises político-militares por que passava êsse país. Paralelamente, uma nova técnica, de origem paraguaia foi ado-

⁷ A. DE SAINT-HILAIRE — *Viagem ao Interior do Brasil* — Quarta parte, relativa ao atual estado do Paraná. Trad. de DAVID A. DA SILVA CARNEIRO, Curitiba, 1931.

⁸ Obra citada.

tada na defumação das fôlhas de mate, tornando o seu sabor mais do agrado dos platinos, que anteriormente relutavam em consumi-lo, por diferir muito dos produtos a que estavam acostumados.

Nestas bases processou-se o povoamento até meados do século passado. É lícito avaliar que mal se ocupara cêrca de 1/5 da área total do Paraná. Por um cálculo grosseiro desta área ocupada (35 100 km²) e tomando-se por base a estimativa oficial da população em 1854, vê-se que os 60 626 habitantes de então distribuíam-se segundo uma média de 1,7 hab/km². Nesse ano instalava-se a província do Paraná, criada no ano anterior. A evolução econômica e o progresso do povoamento que nesta época estavam esmorecendo, como que sentindo falta de um estímulo, iriam reativar-se com o aparecimento de novas condições. Dois novos fatores mudariam o sentido da economia paranaense, influenciando áreas distintas: por um lado, a exemplo do que já vinha sucedendo em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, a imigração far-se-ia em larga escala; por outro lado, o surto agrícola que se irradiava pelo oeste de São Paulo atingiria a fronteira paranaense no último quartel do século passado.

Não se deve esquecer também a importância já assinalada da valorização comercial do mate, fator econômico que impulsionou enormemente a penetração nos pinhais.

II — A EXPANSÃO NAS ZONAS FLORESTAIS

A fronteira do povoamento, que até então pouco se afastava da borda ocidental dos Campos Gerais, por volta de 1860 começou a mover-se para oeste.

A princípio lentamente, como que a vencer a inércia em que se achava, e depois ora mais ora menos rapidamente, conforme o local e as circunstâncias, o avanço desta fronteira acelerou-se de tal modo a partir de 1900 que bastou mais meio século para quase alcançar as barrancas do rio Paraná.

Na segunda metade do século XIX uma nova fase se inicia para a economia paranaense; a agricultura ganha novo ritmo e o valor das terras florestais iguala e, finalmente supera o das terras de campo. Surge, agora, um novo tipo social, já há muito conhecido nos outros dois estados mais meridionais, o "colono", que empreende uma tarefa até então negligenciada: abater a mata virgem, cultivar grandes áreas contíguas e expandir-se cada vez mais para o interior, em direção ao oeste.




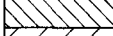
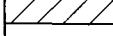
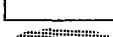

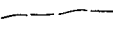
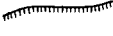

Esta expansão, como já foi dito, não se fez em ritmo uniforme, sob impulso constante, ao longo de toda a borda do sertão. Ao se analisar as condições em que se processou desde então o povoamento e os traços que o caracterizaram no Paraná devem-se distinguir três grandes zonas: o "Norte", limitado aproximadamente pelo paralelo de 24° S, o "Oeste," compreendendo toda a porção do terceiro planalto paranaense ao sul do rio Ivaí, e, por exclusão destas duas, o que poderíamos designar o "Centro" que, pela análise que se pretende fazer, subentende sobretudo a área florestal do segundo planalto. No que toca ao povoamento estas duas últimas zonas têm estado muito ligadas, enquanto a primeira evoluiu de certo modo independentemente.

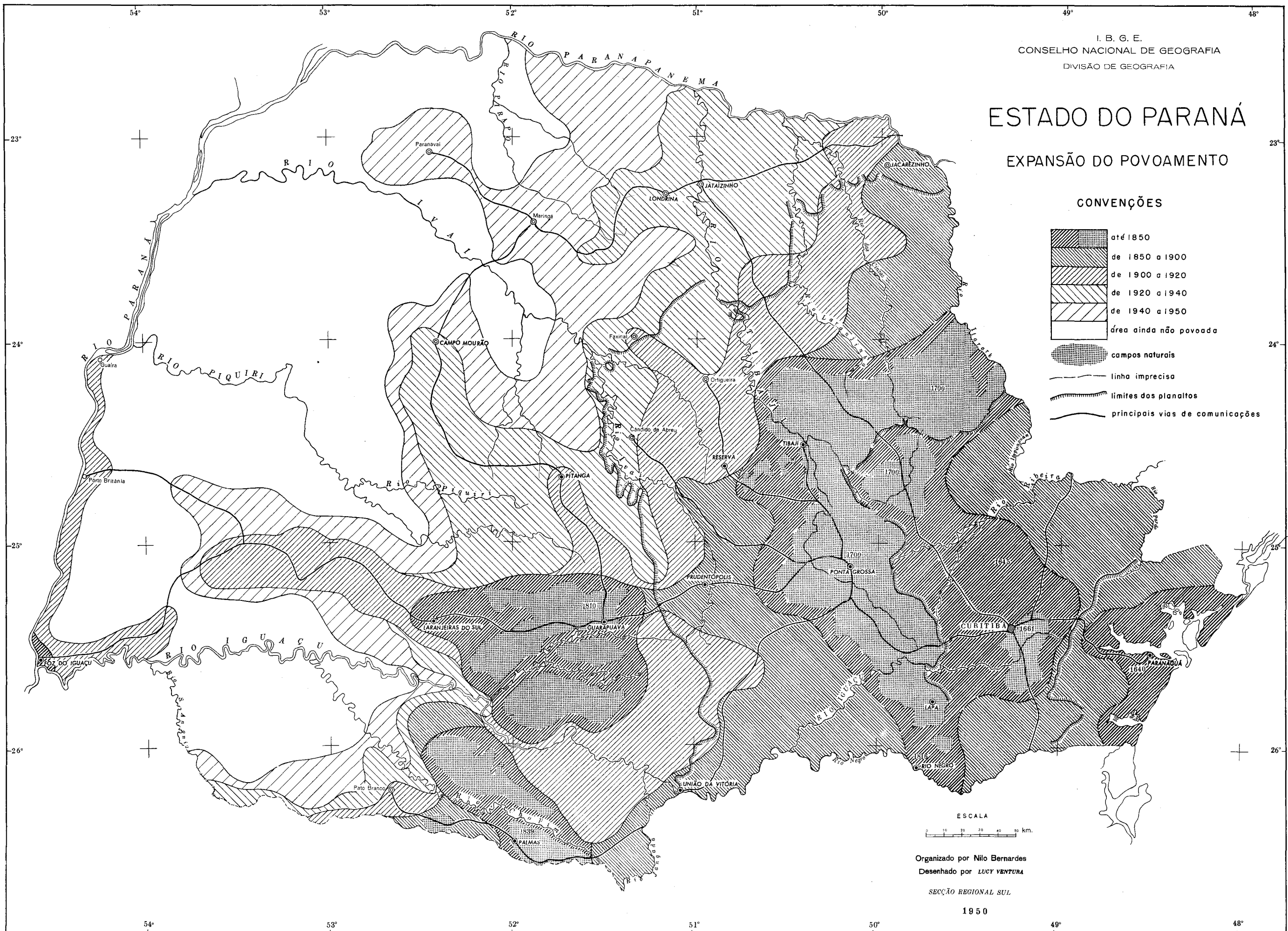
O chamado Norte do Paraná difere de tal modo do resto do estado que pouco daquilo que se disser de uma parte é cabível para a outra. A zona flo-

ESTADO DO PARANÁ

EXPANSÃO DO POVOAMENTO

CONVENÇÕES

-  até 1850
-  de 1850 a 1900
-  de 1900 a 1920
-  de 1920 a 1940
-  de 1940 a 1950
-  área ainda não povoada
-  campos naturais
-  linha imprecisa
-  limites dos planaltos
-  principais vias de comunicações



ESCALA
0 10 20 30 40 50 km.

Organizado por Nilo Bernardes
Desenhado por LUCY VENTURA

SEÇÃO REGIONAL SUL
1950

restal do segundo planalto, onde o povoamento iria começar a atuar há menos de um século atrás, abrange solos de valor mediano, originados das formações sedimentares permo-carboníferas, cobertos por mata de araucária. O Oeste, porém, e a maior parte do Norte, compreendem o terceiro planalto, paranaense que, como se sabe, pertence ao grande capeamento de efusivas básicas do Brasil meridional (*trapp*). Na segunda destas zonas, da decomposição do *trapp* resultaram solos do tipo “terra-roxa”, afamados por sua grande fertilidade, desde as primeiras penetrações no oeste do estado de São Paulo. Por sua extensão e profundidade a zona de “terra-roxa” do Norte do Paraná não tem rival em todo o país. Na zona sedimentar de Venceslau Brás a Santo Antônio da Platina, aqui também considerada como Norte do Paraná, as formações permo-carboníferas são atravessadas por numerosos diques de diabásio, ou cobertas por restos do capeamento de *trapp*, que originaram manchas de terra-roxa legítima ou terra-roxa misturada.

No Oeste, os derrames basálticos decompostos deram origem a solos frequentemente vermelhos e, não raramente, profundos que entretanto não podem de modo algum ser comparados à terra-roxa. Mesmo a experiência dos agricultores mais atrasados confirma esta diferença em aspecto e qualidade, diferença que é a principal responsável pela diversidade de economia e tipo resultante de povoamento. Não tem cabimento, pois, o fato de certos autores se referirem displicentemente ao Oeste falando em “terra-roxa”; esta generalização inadvertida pode induzir terceiros a generalizar os efeitos, imaginando o Oeste com as mesmas possibilidades apresentadas pelo Norte.

Outra diferença importante é o clima. O Norte constitui uma zona de transição onde as geadas, que para o sul são anuais e de rigor muitas vezes inclemente, tornam-se mais suaves e raras: apenas os vales estão sujeitos ao perigo desta intempérie, enquanto nos espigões a concorrência é esporádica e branda. Êste fato faz com que o Norte do Paraná seja reputado como a zona mais meridional do Brasil onde é possível o cultivo do café sem grandes riscos. O terceiro planalto ao norte em sua quase totalidade é recoberto pela mata latifoliada⁹, o “mato de lei,” onde se encontram as espécies consideradas vulgarmente padrões de terras boas para o café (palmito, figueira branca, etc.); enquanto no oeste predomina a mata de araucárias, a qual constitui também a fisionomia característica da zona central.

Como se depreende, esta diversidade de características físicas explica a diferença apresentada pela economia do Norte e a do resto do Paraná. De uma parte extensos trechos contínuos de cafèzais predominando na paisagem humanizada, a alta valorização das terras determinando o afluxo de capital e melhor aproveitamento das mesmas; do outro, agricultura anual, grandes áreas mal aproveitadas, a extração de madeira e de erva-mate. Paralelamente, correntes povoadoras de origens distintas atuaram em uma e noutra parte: o Norte foi conquistado sobretudo por paulistas, mineiros, baianos, fluminenses, etc., ao passo que nas demais zonas a base do povoamento foi o contingente europeu e as gerações de seus descendentes.

⁹ DORA DE AMARANTE ROMARIZ — “Mapa da vegetação do estado do Paraná” (inédito).

1. O Centro e o Oeste

A inestimável contribuição que a imigração européia trouxe ao povoamento do Paraná pode ser esquematizada em três fases principais, que em muitos casos se desenvolveram simultaneamente: a localização oficial de imigrantes europeus a leste dos Campos Gerais, a localização oficial de imigrantes europeus a oeste dos Campos Gerais e a expansão espontânea destes imigrantes ou seus descendentes, primeiro nas matas vizinhas das regiões coloniais e depois pelo oeste.

A primeira fase corresponde à colonização promovida pelo governo provincial no litoral, no primeiro planalto e nos Campos Gerais. Começada em 1860 com a colônia Açungui (Cêrro Azul) no vale do Ribeira, esta fase teve seu auge nos anos de 1876-78. A não ser no litoral, estas colônias pouco contribuíram para aumentar a área considerada ocupada, pois na maioria eram envolvidas pela população rarefeita de luso-brasileiros que habitava estas regiões. Com poucas exceções elas vieram sobretudo adensar a população podendo-se dizer que sua função foi geralmente "repovoadora". Nem sempre porém os elementos europeus introduzidos nesta fase e na subsequente fixaram-se no local para o qual foram encaminhados. Se as colônias em tórno de Curitiba alcançaram o objetivo visado, as demais, por diferentes razões malograram e foram abandonadas. Não cabe aqui analisar os êxitos e insucessos desta colonização¹⁰. No litoral as colônias, devido sobretudo ao clima quente e úmido, insuportável para os europeus, definharam e hoje em dia a área ocupada é muito pequena em relação à que ainda é recoberta pela mata virgem ou pela baixada pantanosa.

Se dentro da área bem ou mal povoada, em que as facilidades de caminhos e mercados já estavam mais ou menos estabelecidas, o europeu recém-chegado chocou-se com o novo meio no avanço sôbre a mata virgem, com mais penosos sacrifícios se viu transformado em elemento de vanguarda. Isto se deu na segunda fase, quando a região entre a base do terceiro planalto e os Campos Gerais passou a ser objeto de um vasto plano de colonização. Não considerando a malograda tentativa de Teresa Cristina, junto ao Ivaí (1847) o estabelecimento europeu nos pinhais do segundo planalto começou fracamente em 1876 e recrudescceu de 1895 em diante.

O governo do estado e o governo federal procuraram forçar a valorização da região criando, não colônias contíguas na periferia da área povoada, mas sim núcleos isolados e dispersos no interior do sertão. Esperava-se que a expansão dos mesmos resultasse em uma coalescência e tóda a região ficasse então povoada por igual, passando a constituir uma das melhores zonas agrícolas do estado.

Os primeiros núcleos criados visavam principalmente ao povoamento ao longo das comunicações dos Campos Gerais com os de Palmas e os de Guarapuava. Em 1876 fundou-se a pequena colônia de São Mateus, junto ao rio Iguaçú na estrada para Palmas. Em 1892 começava-se Rio Claro, mais para oeste, com idêntica localização. Sôbre o terceiro planalto, a meio caminho de União da Vitória a Palmas, estabeleceu-se a colônia General Carneiro em

¹⁰ LYSIA MARIA CAVALCANTI BERNARDES — "Êxitos e fracassos da colonização européia no Paraná" (inédito).

1896. Da mesma maneira, Prudentópolis, iniciada em 1896, teve como objetivo o povoamento da zona de comunicações com Guarapuava; ligados a esta, vários núcleos foram sendo criados posteriormente, na zona entre o rio Ivaí e a escarpa do terceiro planalto.

Ainda no século XIX dentro do mesmo espírito de forçar o povoamento espontâneo mediante o estabelecimento de núcleos distantes e isolados, e seguindo um plano de várias colônias militares com elementos nacionais, o governo imperial estabeleceu no Paraná duas destas colônias: no recanto noroeste do atual município de Palmas (colônia militar do Xopim, 1882) e outra no remoto rio Paraná, junto à confluência com o rio Iguaçu (colônia militar da Foz do Iguaçu, 1888), local anteriormente circulado por aventureiros e foragidos. Confinados no seu isolamento, êstes dois núcleos em quase nada contribuíram diretamente para a expansão do povoamento.

A situação do povoamento em 1900

Ao começar o século XX a situação do povoamento no Paraná, excluído o Norte do Estado, era a seguinte:

Dos Campos Gerais para leste poucas áreas existiam que não pudessem ser consideradas povoadas. O litoral, mesmo com o insucesso da colonização européia viu alargada sua zona ocupada, que, como vimos, não é grande; a serra do Mar, com seus altos cumes e encostas rochosas ou cobertas de mata, ainda hoje é uma faixa deserta interposta entre o planalto e o litoral.

No primeiro planalto é de se crer que nesta época ainda estivesse em processo o povoamento das zonas do Ribeira, ao norte, e do alto rio Negro, ao sul, as últimas a serem ocupadas. A primeira delas foi, como se viu, objeto de colonização desde 1860, embora as condições naturais e a dificuldade de acesso não fôssem de modo algum favoráveis a êste empreendimento. Além disso desde o fim do século passado iam-se transferindo para esta zona caboclos e antigos escravos provenientes do estado de São Paulo. O alto rio Negro, atravessado pelas comunicações de Curitiba com São Francisco do Sul, seria povoado por colonos e descendentes de colonos da região de Campo Largo-Araucária. Também dêste modo foi sendo ocupada a zona florestal ao pé do segundo planalto, entre Curitiba e Castro. Função importante na ocupação da zona de Curitiba ao Rio Negro coube também à corrente de colonos oriundos dos arredores de Joinville, em Santa Catarina: numerosos descendentes de alemães subiram a encosta e foram-se estabelecer no primeiro planalto paranaense.

A oeste dos Campos Gerais, o segundo planalto ainda não fôra todo povoado até esta época (1900). Com o vulto tomado pela extração ervateira, a parte sul, na sua quase totalidade, foi sofrendo uma infiltração gradativa entre os anos de 1850 e 1900, pois aí se encontram os ervais nativos mais densos e mais extensos do Paraná. Neste particular, o relêvo extremamente suave e a franca navegabilidade que apresentam os rios Negro e Iguaçu nesta zona foram fatores consideráveis, favorecendo a penetração e o povoamento.

O mate, por esta época, foi um elemento de primeira ordem na economia paranaense. Os ervais nativos não só atraíram povoadores como também foram

a tábua de salvação para os colonos que relegados ao isolamento na mata, sentiram a oneração excessiva imposta aos seus produtos agrícolas pelas péssimas condições de transporte¹¹. Na maior parte dos casos se não fôsse a erva-mate, o abandono das colônias certamente teria sido em proporção bem maior. Ante a falta de moeda circulante nos primeiros anos, o mate foi também o melhor dinheiro que o colono encontrou para suas trocas.

Embora no comêço do século os povoadores espontâneos já dessem início ao alastramento sôbre o oeste paranaense, no segundo planalto, a encosta longe das rotas de Guarapuava e de Palmas ainda estava desabitada. Todo o oeste dos atuais municípios de Tibaji e Reserva era ainda parte do vasto sertão que se continuava até o rio Paraná. Entre Prudentópolis e União da Vitória restava um grande bolsão despovoado cuja eliminação seria acelerada com a construção da Estrada de Ferro São Paulo — Rio Grande (1900) e o estabelecimento das colônias de Irati (1908) e Cruz Machado (1912).

Em tôrno dos campos de Guarapuava e de Palmas, excetuando-se as já mencionadas colônias militares, pouco progresso se fizera entre os anos de 1850 e 1900; mal se dilatara a ocupação da zona de mata circundante, porém as irradiações de exploradores anônimos iam preparando caminho para o afluxo de povoadores que para aí acorreriam nos anos subseqüentes.

O povoamento no século XX

O estado do Paraná entrou no novo século vendo florescer novos fatôres de sua vitalidade econômica.

O Norte, como se verá mais adiante, já estava sendo povoado desde 1860-70; revelavam-se as imensas possibilidades desta região e a atenção dos habitantes dos outros estados mormente São Paulo, voltava-se para o Paraná.

A introdução oficial de imigrantes continuou no início do século XX na mesma escala que antes, senão maior. Grandes colônias federais, localizadas ao pé do terceiro planalto, foram criadas entre 1896 e 1914. Algumas delas, contando com comunicações difíceis, situadas no interior da mata indevassada, foram a vanguarda por demais avançada da ocupação e a história do povoamento europeu nesta fase é uma epopéia revestida de drama.

Com muito sacrifício, significando muitas vêzes a morte de numerosos imigrantes, ao terminar a década de 1920 quase todo o segundo planalto podia ser considerado como povoado.

Bem ou mal sucedida a colonização européia, entre outras conseqüências, constituiu um novo *stock* humano cuja proliferação daria rapidamente os frutos esperados aumentando a área ocupada e a densidade da população.

A rêde ferroviária ampliara-se consideravelmente. A ligação dos Campos Gerais com o litoral completara-se e desde 1894 Ponta Grossa estava em comunicação com Curitiba e Paranaguá. A partir de 1900 a Estrada de Ferro São Paulo — Rio Grande começara a estender seus trilhos para o sul. Ligada a êsse fato, não se deve negligenciar a ação importante das serrarias no devas-

¹¹ "O mate salva as colônias do Paraná", disse PIERRE DENIS em *Le Brésil au XXe. siècle*, Paris, 1909, p. 226.

samento do território. Desde cedo se percebera a imensa riqueza que representavam os extensos pinheirais do Paraná e ao terminar o século passado não eram poucas as serrarias aí existentes. Contudo, somente com a chegada da estrada de ferro e o desenvolvimento de grandes mercados consumidores fora do estado é que começou o grande surto industrial madeireiro. Assim a zona em que a ferrovia deixa os Campos Gerais e percorre a mata, entre Teixeira Soares e União da Vitória, é até hoje um dos principais centros madeireiros do Paraná. Nos dias atuais, com o emprego generalizado dos caminhões, as serrarias quase todas exploradas por fortes capitais contribuem grandemente na abertura e conservação de estradas. Por outro lado, deve-se considerar que se a serraria é um elemento de ocupação pioneira, como se tem revelado no oeste, ela tem, de certo modo, um papel negativo porque, reservando grandes áreas para a exploração da floresta retarda a ocupação destas por uma população rural mais densa. Como ilustração deste fato cite-se a zona dos pinhais imediatamente ao norte de Guarapuava, explorados por uma serraria situada na vila de Palmeirinha, onde a população apresenta escassa densidade contrastando com o que se vai encontrar mais adiante, ao se continuar na direção de Pitanga.

A zona do segundo planalto entre os rios Ivaí e Tibaji, que constitui território dos municípios de Reserva e Tibaji, somente em parte foi abrangida pela colonização européia, que se fez apenas em uma faixa relativamente estreita ao longo do primeiro daqueles rios. Nestes dois municípios até há pouco tempo predominavam grandes latifúndios e terras devolutas onde penetraram intrusos constituindo um povoamento espontâneo, desordenado e mal fixado. O povoado Queimadas (atual vila de Urtigueira) era o centro de onde se irradiavam as trilhas de tropas que nos anos pouco anteriores a 1920 davam margem à expansão dos caboclos e dos descendentes de europeus que demandavam a região. Muitos chegaram a galgar a "serra" e sobre o terceiro planalto, na zona do Faxinal de São Sebastião, estabeleceram uma frente pioneira de duração efêmera, na década de 1920. Após terem eles talado por completo as matas da região e não sendo compensador penetrar mais a fundo devido à distância e condições de comunicações, o povoamento aí entrou em decadência.

Essa dispersão espontânea que houve nos municípios de Reserva e Tibaji registrou-se em larga escala em todo o oeste do Paraná.

Deixando de lado o extremo sudeste do terceiro planalto, cuja ocupação se fez partindo diretamente de União da Vitória¹², o povoamento do oeste do Paraná processou-se subordinado a três eixos principais: um é a estrada que saindo de Ponta Grossa atinge Guarapuava e vai ter a Foz do Iguaçu; outro, é a estrada que de União da Vitória vai ter a Palmas, segue depois para Clevelândia ramifica-se na zona de Pato Branco e continua para Barracão, na fronteira argentina; enfim o terceiro é constituído pela estrada de Guarapuava a Campo Mourão.

¹² Trata-se aqui da Colônia Federal Cruz Machado, formada com imigrantes europeus a partir de 1912. Está relacionada com as congêneres que foram criadas no segundo planalto e cuja função no povoamento já foi analisada.

O eixo Ponta Grossa-Foz do Iguaçu é de suma importância para o oeste. Por seu intermédio e de suas ramificações secundárias toda a imensa área entre os rios Ivaí e Iguaçu esteve até recentemente em estreita subordinação à esfera da influência de Ponta Grossa.

De Guarapuava para Foz do Iguaçu, esta linha de comunicações que vinha sendo assegurada precariamente, desde a fundação da colônia militar, junto ao rio Paraná, foi definitivamente firmada com a construção da linha telegráfica. Em 1906 inaugurava-se a estação de Foz do Iguaçu e ao longo dos fios, formavam-se alguns povoados junto a postos intermediários. A necessidade de trabalhadores na construção e conserva da linha e depois a facilidade de uma via de penetração foram trazendo a esta região povoadores que se dispersaram na faixa marginal à estrada. Contudo entre 1920 e 1940 o interesse despertado pela região não foi muito grande e a população pouco se expandiu. Naquela época a travessia de Laranjeiras do Sul para Foz do Iguaçu ainda era quase uma aventura, situação que só foi melhorada ao instalar-se o território federal do Iguaçu, em 1943¹³. A referida estrada acompanha o grande divisor entre os rios Piquiri e Iguaçu, cortando os altos cursos dos afluentes deste último.

As experiências de colonização nas margens do Paraná malograram e o povoamento ao longo deste rio sempre permaneceu estagnado, não se afastando muito dos pequenos portos fluviais entre os saltos de Guaíra (no rio Paraná) e a foz do Iguaçu. Devido à dificuldade de comunicações com o leste, esta zona teve seus interesses econômicos ligados sobretudo ao comércio exterior com a Argentina. Algumas empresas com capitais estrangeiros exploravam os recursos florestais da região (erva-mate principalmente) porém deixaram definitivamente de operar ao entrar em vigor a lei federal relativa à nacionalização dos capitais¹⁴. A exploração de erva-mate nativa era feita em toda a região entre o rio e Campo do Mourão. Porém, apesar de batido pelos ervateiros, na maioria paraguaios, este sertão jamais chegou a ser efetivamente habitado.

Para o povoamento do Oeste também tem grande importância a estrada que se formou entre Guarapuava e Campo Mourão, atravessando a região entre os rios Ivaí e Piquiri.

A primeira etapa se estabeleceu daquela cidade a Pitanga. Com o progresso do povoamento foi-se desenvolvendo em estrada a simples trilha que muito antes de 1920 já existia até Campo do Mourão. Neste local existe uma pequena área campestre que já era conhecida desde o século passado. Por sua posição quase central entre dois grandes vales do planalto, do Ivaí e do Piquiri, e por sua situação em um espigão plano de encostas suaves, esta minúscula mancha de campo foi-se tornando aos poucos uma espécie de base de operações para os batedores que partindo do rio Paraná ou de Guarapuava exploravam estes sertões.

¹³ Este território federal, que abrangia quase todo o oeste dos atuais estados de Santa Catarina e Paraná, foi suprimido em 1946.

¹⁴ Já desde 1925 estas empresas estavam em extrema decadência após a passagem pela região da coluna revolucionária Miguel Costa — Prestes.

Apoiado nestas duas importantes estradas que no entanto não apresentam de modo algum facilidade de tráfego, o povoamento foi-se expandindo no trecho do terceiro planalto seccionado pelos rios Iguaçu e Ivaí. Via de regra êle se fez espontâneamente e de modo irregular. Em raros casos os povoadores foram encaminhados ou se dirigiram por conta própria para uma colônia, como no segundo planalto, onde os aguardava o lote já discriminado e a posse da terra garantida ao fim de alguns anos.

O que se verificou na ocupação da maior parte do oeste foi um vasto assalto às terras devolutas do estado ou a grandes glebas particulares por caboclos luso-brasileiros ou por descendentes de europeus, geralmente eslavos, que se deslocavam e ainda se deslocam das colônias do leste. Um novo têrmo passou a ter grande circulação designando êstes povoadores — “intruso”; por derivação, “terra intrusada” é a terra particular ou devoluta que sem estar à venda e muito menos dividida em lotes é invadida e ocupada por êsses indivíduos na ânsia de solos novos. Aos elementos que se radicam, aliás muitos assim procedem, o estado concede a posse da terra ao cabo de certo número de anos de ocupação e de acôrdo com a área aproveitada. Até poucos anos atrás, a organização administrativa da repartição a que estava afeta a distribuição e venda das terras do estado não era suficiente para dar vazão aos numerosos pedidos. Aos particulares por sua vez não é interessante alienar terras segundo êste processo. Ao cabo de certo tempo o ocupante, não vendo satisfeita sua pretensão, desloca-se para novas terras. A um bom número dêses indivíduos, por outro lado, nem mesmo interessa a condição de proprietários uma vez que desejam indisfarçadamente a exploração de solos sempre novos, dado o sistema agrícola primitivo que adotam.

De modo geral, o processo vem-se repetindo na vanguarda do povoamento em áreas de enormes proporções. A retaguarda passa a ser povoada pelos elementos mais acomodaticios ou os que viram satisfeitas suas pretensões de proprietários .

Já se disse atrás que êste tipo de povoamento, embora tendo-se tornado característico do oeste atual, tem sido registrado também em outras zonas (principalmente nos municípios de Reserva e Tibaji).

Lá como aqui as características foram as mesmas. Os ocupantes definitivos das terras, os que vão possuí-las e explorá-las, são muitas vêzes, precedidos por batedores anônimos que salpicam a mata em largas áreas, indivíduos geralmente semi-nômades, que são os primeiros a explorar os ervais ou pinhais. Os caracteres do povoamento assim resultante dificultam o reconhecimento da área que pode ser considerada como povoada; o limite é impreciso e os elementos da vanguarda estão isolados e desconhecidos da área civilizada. Ao longo desta franja, onde o povoamento se esbate, lentamente se esboça a organização econômica e o regime de trocas com a retaguarda, devido às más condições de comunicações, faz-se precariamente.

Em poucos casos os primeiros agricultores que penetram espontâneamente a mata nestas condições, são considerados “colonos”. O tipo característico é o “safrista” com seus contratados, sempre à procura de terras novas para as grandes roças de milho que alimentam os porcos. Realizada dêste modo primitivo a criação de suínos é a forma econômica predominante na infiltração

do povoamento na mata. Se ela é o fundamento da maior parte da agricultura do estado, mormente na parte sul, adquire entretanto singular importância no caso em assunto. É que o porco é o produto mais facilmente transportável. Ao ser encaminhado para a zona consumidora ele é tocado a pé pelas trilhas estreitas e irregulares até atingir pequenas povoações junto a melhores estradas, de onde o caminhão os leva para a estação ferroviária. Em épocas anteriores ao automóvel, bandos de suínos ("porcadas") eram conduzidos a pé, de Pitanga, Guarapuava, Cândido de Abreu, Faxinal de São Sebastião, etc. até a estrada de ferro, em Ponta Grossa, por distâncias que atingiam duzentos ou mais quilômetros! Dêste modo, transformado em banha, o milho se escoava mais facilmente do sertão para os mercados. E assim a falta de bons caminhos e estradas não é obstáculo sério para a expansão, em grande parte desordenada, do povoamento no oeste.

As grandes queimadas que se fazem para estas roças de milho destroem vastas áreas de mata e castigam incrivelmente o solo. Como é de se esperar, nas zonas assim tratadas, as terras desvalorizam-se conforme o rigor da devastação que as atingiu. Comumente em várias delas baixa a densidade demográfica de modo alarmante¹⁵ e a única solução que as aguarda é o repovoamento em bases econômicas avançadas, quando as condições de transporte o permitirem.

Entre os rios Piquiri e Ivaí, o povoamento, que por volta de 1920 se expandira timidamente entre Guarapuava e Pitanga, alastrou-se enormemente até os dias atuais. É interessante, mesmo, observar-se que esta zona despertou maior interesse da parte dos povoadores que a da estrada para Foz do Iguaçu, apesar da prioridade e da importância estratégica desta. Deve-se considerar que nesta região (entre o Iguaçu e o Piquiri) o governo fizera, desde a década de 1910, concessão de enormes glebas virgens a companhias particulares; bem ou mal os intrusos teriam respeitado mais estas glebas. Por outro lado a zona entre o Piquiri e o Ivaí foi abrangida pelo vasto plano de colonização que o estado resolveu iniciar em 1939, justamente visando a "conter a excessiva expansão e conseqüente isolamento das famílias de agricultores nacionais cuja tendência é a exploração de grandes áreas de mata virgem"¹⁶. As colônias criadas nesta região, na sua maior parte, têm como tarefa principal medir a área que toca a cada uma das famílias que já há muito aí se instalaram. Seu objetivo principal, como está dito é radicar estas famílias dando-lhes a posse legal e fomentar a melhoria do padrão econômico e conservando estradas vicinais, ou mesmo tentando impedir a devastação irracional e generalizada. O estado tenta pôr ordem nesta espécie de caos para em seguida continuar uma segunda fase em que o agrimensor precede o povoador. Pode-se perceber o quanto se agiu neste sentido comparando-se a área ocupada entre 1920 e 1940 com a de 1940-1950, justamente o decênio em que vem operando a ação governamental na região (vide no mapa a zona entre Campo Mourão e Laranjeiras do Sul).

¹⁵ NILO BERNARDES — "Utilização da Terra no Estado do Paraná" (inédito).

¹⁶ Decreto n.º 8.564, de 17 de maio de 1939. É de se crer, dadas as circunstâncias, que os descendentes de imigrantes europeus estejam aqui incluídos na expressão "agricultores nacionais".

Na sua infiltração pela mata, o povoamento atingiu Campo Mourão por volta de 1940. As características de solo, relevo e vegetação da região assemelham-se às que fizeram a fortuna do Norte do Paraná. Nas matas ao redor de Campo Mourão originou-se, então uma pequena frente pioneira ativa semelhante à daquela zona. Atualmente esta cidade está em uma das pontas de uma enorme pinça que, nesta região, se fecha sobre o Ivaí: o povoamento que se expandiu no Norte tende a ser unido através do Ivaí com o que vem se alastrando, com ponto de apoio em Guarapuava. Há três ou quatro anos atrás completou-se a ligação com o Norte (Campo Mourão a Maringá), através de uma picada transformada em estrada, e registou-se então um interessante fenômeno de captura econômica, uma vez que as comunicações e o movimento de pessoas e cargas da zona de Campo Mourão passou a se fazer preferencialmente para o Norte. Aí, então, nesta fronteira do povoamento o Norte e o Sul do estado se encontram. Para aí afluem mineiros, paulistas, baianos, etc. bem como riograndenses, catarinenses e paranaenses do leste. A afluência de catarinenses e principalmente de riograndenses no estado do Paraná tem tomado vulto cada vez maior. O povoamento que se realiza nas matas a oeste dos campos de Palmas pode ser considerado uma verdadeira zona pioneira riograndense tal é a quantidade de colonos desta origem que aí se vão radicar. Tendo colonizado uma boa parte do oeste catarinense os descendentes de italianos, alemães e poloneses originados das antigas colônias do Rio Grande do Sul, saltando por uma zona ainda despovoada nos limites do Paraná com Santa Catarina vão-se estabelecer em grande número no município de Clevelândia e outras partes do terceiro planalto. A antiga colônia de Bom Retiro, atual Pato Branco, fundada em 1918 e que sofreu uma prolongada estagnação, é atualmente a mais visada. "Pato Branco" nos dias atuais é uma lenda, à maneira do "El Dorado", para os habitantes das zonas coloniais do Rio Grande do Sul. Ao lado dela existe o território da antiga colônia militar do Xopim, mal povoado e com suas matas quase todas destruídas, em que, pelo longo abandono sofrido da parte governamental, a maior parte dos habitantes ainda não tem suas terras discriminadas. A partir de 1942 o povoamento ganha cada vez mais terreno para oeste com a criação da Colônia Agrícola Nacional General Osório, na região do rio Marrecas. A tendência é formar-se um grande leque na vertente esquerda do rio Iguaçu, atingindo a fronteira com a Argentina. Tem-se assim duas zonas lado a lado, em que o dinamismo do povoamento está na razão indireta de sua antiguidade. Os efeitos da boa rodovia estratégica de União da Vitória a Clevelândia, fazem-se sentir e os novos povoadores preferem espontaneamente as zonas de pinhais virgens, de solo novo, desprezando as terras dos arredores de Xopim, malbaratadas por um povoamento oficial precipitado. Os pioneiros desta região que avançam para oeste têm seus grandes flancos e sua retaguarda pouco povoados e em certas áreas até mesmo despovoados.

Também colonos de origem riograndense formam nos dias atuais uma zona pioneira insular na mencionada povoação de Toledo. Ainda se vai encontrar riograndenses, sempre acompanhados por boa porção de catarinenses, lá na zona de Campo Mourão, onde se disse que o Sul e o Norte se encontram e a marcha do povoamento forma uma grande pinça sobre o rio Ivaí.

2. O Norte do Paraná

O povoamento do Norte, começou fora do planalto diabásico onde o solo de terra roxa existe em larga extensão contínua. As primeiras penetrações cruzaram o médio e alto rio Itararé, ainda na década de 1860, com base na zona paulista de povoamento antigo, à margem das comunicações com os Campos Gerais. Em 1862 iniciava-se o povoamento da Colônia Mineira (atual cidade de Siqueira Campos) cujo nome indica a procedência dos primeiros povoadores. Os movimentos através do Itararé se repetiam e foram surgindo São José da Boa Vista e Venceslau Brás (1867), Santo Antônio da Platina (1886), Carlópolis, etc. A zona visada pelos povoadores correspondia às formações sedimentares permianas, em que numerosos diques e remanescentes da cobertura diabásica originaram manchas de terra roxa. A predominância de solos inferiores, porém, não deu a esta zona a mesma reputação que obteve mais tarde o norte do estado. Contudo a expansão se fez em não pequena escala e, a exemplo do estado de São Paulo, o povoamento revelou sua tendência em progredir segundo movimentos leste-oeste. Mas esta tendência não chegou a ter pleno desenvolvimento, uma vez que a distribuição da rede hidrográfica, não repetia aqui as mesmas condições. Os afluentes do Paranapanema, descendo dos Campos Gerais no rumo norte, cortando a região, atravessam a escarpa do terceiro planalto que aqui se apresenta em direção nordeste-sudoeste. Os povoadores não encontraram, portanto, os suaves espigões leste-oeste que em São Paulo convidavam à marcha neste sentido. Entre o Itararé e o rio das Cinzas formou-se uma população numerosa e vários núcleos urbanos surgiram, posteriormente servidos pela ferrovia que se construiu passando pelo divisor de águas. Mas, além do rio das Cinzas, a expansão esmoreceu e raramente se repetiu a vitalidade pioneira que promissora se registara em fins do século passado.

Com os primeiros habitantes de Jacarèzinho (1900) e Cambará (1904) começa o povoamento do terceiro planalto propriamente dito no norte do estado. Nesta época a frente pioneira, avançando pelo oeste de São Paulo já alcançara o Paranapanema. Com a fundação de Cambará, as grandes reservas de solo virgem desta parte do estado do Paraná caíram sob a invasão da onda cafeeira. Como se não existissem os limites políticos, as "fazendas de café" nos moldes paulistas multiplicaram-se rapidamente. Ourinhos, no estado de São Paulo, atingida pela Estrada de Ferro Sorocabana em 1908, tornou-se a porta de entrada do Norte do Paraná. Avançando sempre pela terra roxa, o que não aconteceu com o povoamento mais ao sul, e encontrando uma zona de relêvo mais suave, embora cortando os baixos cursos dos afluentes do Paranapanema, a frente pioneira progrediu afinal, para oeste, como uma longa faixa paralela a este rio. A certa distância do mesmo e sobre os espigões foram surgindo as povoações, algumas origem de futuras cidades, que balizaram a rota de penetração. Mas a expansão não se fez com a rapidez progressiva dos dias atuais. Em 1920 a frente pioneira ainda estava junto ao rio das Cinzas, pouco além de Cambará. Em 1925 um ramal da estrada de ferro se destacava de Ourinhos e por cinco anos estacionou naquela cidade. Reprodução do movimento povoador que se processava em São Paulo, também aqui os pioneiros

temiam avançar demasiado distante da ferrovia. Assim, em 1929, apesar de alguns povoados que apontavam mais além, na mata virgem, Cambará ainda era considerada “bôca do sertão”.

Neste ano (1929), um novo e grandioso surto apodera-se do Norte do Paraná. O interesse particular, que ia cada vez mais voltando-se para esta região, intensificou-se sobretudo depois que começaram, em plena mata além do rio Tibaji, os trabalhos de loteamento da atual Companhia de Terras Norte do Paraná. Os iniciadores desta empresa compreenderam muito bem que sem comunicações fáceis e seguras o empreendimento seria mais uma aventura fadada ao insucesso. Adquiriram, então, os interesses do ramal ferroviário de Cambará e naquele mesmo ano começaram a estender os trilhos para o oeste até que em 1935 atingiram Londrina, a primeira cidade fundada além do Tibaji (1930). Na sua passagem por este rio a estrada encontrou a ex-colônia militar do Jataí, pequeno núcleo que desde 1855 vivia em estagnação, insulado no sertão.

Como no oeste paulista, na ponta dos trilhos multiplicavam-se as novas moradas e surgiam os povoados. O povoamento ativou-se, então, na zona de Bandeirantes e Cornélio Procópio. Na mesma época (1930) completou-se a ligação ferroviária Jaguariaíva-Jacarèzinho-Ourinhos. Toda a região entrou em florescimento econômico porém algumas partes permaneceram mal povoadas e pouco prosperaram como por exemplo, a faixa em torno do médio e alto rio Laranjinha.

Para além do rio Tibaji, nas terras da Companhia de Terras do Norte do Paraná, a expansão se fez com todo o vigor, processando-se até os dias atuais com uma intensidade e fastígio econômico impressionantes. Atingido o espigão divisor entre os rios Paranapanema e Ivaí, passou a ser este o principal eixo de comunicações. As rodovias vicinais esgalham-se para ambos os lados, seguindo os espigões secundários, precedendo a marcha dos cafèzais, e um rosário de cidades e vilas vai-se formando progressivamente para oeste. Como em São Paulo, na ânsia de ocupar primeiro os espigões, que pela topografia e clima são mais favoráveis ao café, a vanguarda do povoamento se desenvolve na forma de “pontas de lança” envolvendo os vales que são posteriormente ocupados. A par deste grande avanço ao longo do espigão principal, correntes secundárias, também com base em São Paulo, cruzaram o Paranapanema no sentido norte-sul, a oeste do Tibaji. Assim em 1923, quando o primeiro aranco de leste ainda esmorecia entre Cambará e Bandeirantes, os pioneiros atravessavam a divisa paulista e iam abater a mata virgem nas imediações da atual cidade de Sertanópolis, sede da colônia do mesmo nome. Em época bem mais recente, dentro do último decênio, este movimento intensificou-se, ativando assim a ocupação, ainda em processo, da zona situada no norte das terras pertencentes à Companhia de Terras Norte do Paraná.

Maringá é o centro urbano que surge atualmente na frente pioneira do Norte do estado enfeixando a vida econômica e social em evolução. A oeste desta nascente cidade, depois de uma faixa ainda em mata, o povoamento progride radialmente com centro na vila de Paranavaí, graças à colonização aí realizada pelo estado. Porém não se encontra a mesma intensidade que a leste, uma vez que o solo arenoso não é propício à lavoura do cafeeiro.

Foi dito atrás que a estrada recém-aberta entre Maringá e Campo Mourão tanto drena os produtos desta como conduz para aí parte dos povoadores que vêm ao Norte à procura de terras. O resultado é que próximo a esta pequena cidade, onde as condições não são de todo adversas ao café, vai surgindo uma zona em que a paisagem humana repete, em escala modesta a do Norte. É ao longo desta estrada que o contato do Norte com o Oeste se torna mais íntimo. Pode-se prever que, em breve, os dois tipos de povoamento se interpenetrem¹⁷ eliminando o limite natural constituído pelo Ivaí e assim confundidos continuem a progressão para o rio Paraná.

BIBLIOGRAFIA

- DENIS, Pierre — *Le Brésil au XXe. siècle*, 312 pp., Libr. A. Colin, Paris, 1904.
- FRÖLICH, Erwin — “Remember” in *A Pioneira*, ano II, n.º 6, nov. dez., Londrina, 1949.
- LEÃO, Ermelindo A. de — *Contribuições históricas e geográficas para o dicionário do Paraná*, div. fasc. Empr. Gráfica Paranaense, Curitiba, 1928 e segs.
- MARTINS, Romário — *História do Paraná*, 538 pp., 2.ª ed. Editôra Rumo Ltda., São Paulo, 1939.
- Terra e Gente do Paraná*, 303 pp., Diretório Regional de Geografia do Estado do Paraná, Curitiba, 1944.
- MONBEIG, Pierre — “A zona pioneira do Norte do Paraná,” in *Boletim Geográfico*, ano III, n.º 25, abril de 1945, pp. 11-17, Rio de Janeiro.
- PRADO JÚNIOR, Caio — *Formação do Brasil Contemporâneo — Colônia*, 2.ª ed., São Paulo, 1945.
- RIBEIRO, Eurico Branco — *Esbôço da história do oeste do Paraná*, 93 pp. Diretório Regional de Geografia do Estado do Paraná, Curitiba, 1940.
- MONOGRAFIAS — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Monografias Municipais do Estado do Paraná (inéditas).

Mapas:

- Mapa topográfico da província do Paraná, organizado na Inspetoria Geral das Terras e Colonização... pelo Eng. CARLOS RIVIÈRE, esc. 1:600 000, 1876.
- Mapa da província do Paraná, pela comissão exploradora da estrada para Mato Grosso; esc. 1:2 000 000, 1876*.
- Distribuição dos campos e dados sôbre o Paraná de acôrdo com todos os documentos oficiais e dados fornecidos pelas diversas commissões até o ano de 1896; esc. 1 1 000 000*.
- Esquema da viação do estado do Paraná, pelo Eng.º CÂNDIDO FERREIRA DE ABREU; esc. 1:2 500 000, 1901*.
- Mapa do estado do Paraná, por ALBERTO FERREIRA DE ABREU e CÂNDIDO FERREIRA DE ABREU, esc. 1:700 000, 1908.
- Estradas e esboços topográficos entre Ponta Grossa, Irati e Guarapuava, esc. 1:600 000, 1908*.
- Mapa da zona colonizada pela União no estado do Paraná durante os anos de 1908 a 1912.
- Mapa de parte do estado do Paraná com a indicação das distâncias e população das colônias e localidades mais próximas de Santo Antônio do Irati; esc. 170 000, 1921*.

¹⁷ Soube-se que, em 1950, começou a circulação também entre Apucarana e a colônia estadual de Corumbataí, à margem direita do rio deste nome.

* Mapas pertencentes ao “Arquivo Beltrão” do Departamento de Geografia, Terras e Colonização, Curitiba.

- Mapa do estado do Paraná organizado... pelos engenheiros civis J. MOREIRA GARCÊS e F. GUTIERREZ BELTRÃO; esc. 1:750 000, 1922.
- Esquema da viação do estado do Paraná pelo Eng.º CARLOS ROSSA; esc. 1:750 000, 1923.
- Mapa da viação do estado do Paraná, organizado pela Diretoria de Viação, Terras e Colonização para o relatório de 1925-26; esc. aprox. 1:750 000.
- Mapa da zona colonizada do estado do Paraná, organizado pelo Eng.º MANUEL F. FERREIRA CORREIA; esc. 1:420 000, 1927.
- Mapa de viação rodoviária do estado do Paraná, organizado... pela Secretaria de Agricultura, Viação e Obras Públicas ... esc. aprox. 1:750 000, 1929.
- Mapa de viação rodoviária do Paraná (anexo ao relatório do Departamento de Obras e Viação) esc. 1:1 500 000, 1934.
- Mapa geral do Paraná com as obras executadas no govêrno Manuel Ribas 1932-1938; esc. aprox. 1:1 000 000, 1938.
- Mapa do estado do Paraná, organizado e desenhado pelo Departamento de Terras e Colonização da Secretaria de Viação, Obras Públicas e Agricultura; esc. 1:750 000, 1938.
- Mapa cadastral da faixa de fronteiras do estado do Paraná, organizado e desenhado pelo Departamento de Geografia, Terras e Colonização; esc. 1:200 000, 1942.
- Situação dos trabalhos de colonização na região noroeste do estado; Departamento de Geografia, Terras e Colonização; esc. 1:500 000, 1948.
- Mapa do estado do Paraná, organizado e desenhado pelo Departamento de Geografia, Terras e Colonização da Secretaria de Viação e Obras Públicas; esc. 1:500 000, 1948.

RÉSUMÉ

Dans la première partie de son article l'auteur explique la technique de l'élaboration de la carte qui représente l'expansion du peuplement de l'État du Paraná, au moyen de lignes qui marquent, pour chaque date, la limite entre les aires déjà peuplées et celles qui ne le sont pas encore d'une manière effective. Pour cette fin ont été utilisées, outre la connaissance actuelle de la situation obtenue par observation personnelle, les cartes anciennes, les indications bibliographiques, etc....

En étudiant les conditions géographiques du peuplement du Paraná, l'auteur présente d'abord les antécédents historiques. Il étudie l'origine des premiers habitants attirés par les mines, l'installation de l'élevage dans le plateau de Curitiba, son expansion sur les "Campos Gerais" et, finalement, l'occupation des champs du troisième plateau. Jusqu'au commencement du XIXème siècle, le peuplement était presque seulement limité aux aires des champs. Un cinquième de l'aire totale de l'État avait été occupé jusqu'en ce moment là.

La frontière du peuplement qui, jusque là, s'écartait très peu du bord occidental des "campos gerais", comença vers 1860 à pénétrer vers l'ouest. Pendant la seconde moitié du XIXème siècle des nouveaux facteurs viendraient changer le sens de l'économie du Paraná, influençant plusieurs régions distinctes: d'un côté, l'immigration viendrait se faire en grande échelle, d'un autre, le développement agricole qui s'étendait vers l'ouest de São Paulo arriverait jusqu'à la frontière du Paraná.

La valorisation commerciale du maté a été, aussi, un facteur important qui impulsona la pénétration vers les forêts de pins.

Cette expansion du peuplement dans les zones forestières ne s'est pas faite avec un rythme uniforme et une impulsion constante. En analysant les conditions dans lesquelles s'est fait, depuis lors, le peuplement et les traits qui l'ont caractérisé dans le Paraná, on peut distinguer trois zones: le nord, l'ouest et le centre. Du point de vue physique ces zones diffèrent quant aux sols, au climat et manteau végétal.

Le commencement du peuplement au centre de l'État est dû à la colonisation avec des immigrants de l'Europe. Parmi les régions bien ou mal-peuplées et où les facilités de chemins et de marchés étaient déjà plus ou moins bien établies, l'européen récemment arrivé rencontrait encore des difficultés, devant la forêt vierge. Elles ont été beaucoup plus grandes, lorsque s'est formée la région pionnière située entre la base du troisième plateau et les "campos gerais", à partir du dernier quart du XIXème siècle, parce que les colons étaient installés, en agroupements isolés, en pleine forêt vierge. Ce fut l'exploration du maté, bien valorisé en ce temps là, qui garantit la fixation de bien de colons, vu que c'était le seul produit exportable, étant données les difficultés du transport, les distances excessives, etc.... On a ainsi peuplé la partie sud de la région forestière du second plateau dans les vallées de l'Iguaçu et du Negro, ceci encore à la fin du XIXème siècle. Le chemin de fer et l'exploration des bois ont ainsi exercé une influence importante dans la zone qui se trouve entre Teixeira Soares et União da Vitória, qui est encore aujourd'hui un des principaux centres du commerce de bois dans le Paraná.

La zone centrale entre les rivières Ivaí et Tibagi (municipes de Reserva et Tibagi) a eu seulement une petite partie colonisée par des européens. Prédominait dans cette région, il y a peu de temps, le système de grandes propriétés et terres du gouvernement, où ont pénétré des intrus, qui ont constitué une population spontanée, désordonnée et mal-fixée.

Les routes qui vont de Ponta-Grossa à Guarapuava et Foz do Iguaçu et celle qui suit de União da Vitória vers Las Palmas, Clevelândia et Pato Branco, ont eu une grande importance

dans le peuplement de l'Ouest. De Guarapuava vers Foz do Iguaçu, une colonie militaire avait été fondée pendant le XIX siècle, mais les communications étaient très mauvaises et ce fut seulement lors de la construction de la ligne télégraphique (1906) que quelques agroupements de population se sont formés auprès des ports intermédiaires.

Les tentatives de colonisation faites au long des rives du Paraná n'ont pas réussi et le peuplement s'est maintenu stable autour des petites ports fluviaux, quoique l'exploration du maté était faite dans toute la région. Le peuplement pénétra aussi d'une manière spontanée et irrégulière au long du chemin qui allait de Guarapuava vers Pitanga et Campo Mourão. Ces deux routes ont servi d'appui à l'expansion spontanée du peuplement dans la partie du plateau qui comprend la région entre les rivières Ivaí et Iguaçu. Seulement en quelques cas très rares, les colons ont été conduits à une colonie, comme cela a été le cas dans le second plateau, où un lot de terre les attendait — déjà bien délimité et dont la propriété était garantie au bout de quelques années. Ce qui s'est vérifié dans la plus grande partie de l'ouest, c'est qu'il a eu en assaut aux terres de l'État ou aux terres des particuliers par des colons portugais ou descendants des portugais, des colons européens, généralement, des slaves, demi-nomades. Les caractéristiques du peuplement qui s'est ainsi conduit ont offert des difficultés pour la reconnaissance des aires qui pouvaient être considérés comme peuplées: la limite était imprécise et les éléments de l'avant-garde étaient isolés et inconnu par l'aire civilisée. Les grandes destructions par le feu, afin de permettre la culture du maïs, provoquaient la destruction des forêts, tout en causant un grand préjudice aux sols.

À partir de 1920, le peuplement augmenta énormément dans la région comprise entre les rivières Ivaí et Piquiri, d'abord, d'une manière spontanée et, ensuite, en colonies organisées par l'État en 1939, afin de contenir l'onde qui envahissait la région une manière désordonnée. Deux fronts pionniers peuvent être reconnus dans l'ouest, le premier, comprenant la région qui se trouve autour de Campo Mourão, le second, comprenant les forêts à l'ouest des Palmas, où Pato Branco est le plus grand centre, attirant des colons provenant de l'État lui-même, ainsi que de l'État de Santa Catarina et, principalement, de l'État du Rio Grande do Sul.

L'occupation du nord du Paraná s'est vérifiée comme un résultat de l'expansion du peuplement de l'État de São Paulo qui lui est voisin. À partir de 1860 ont été établies les premières colonisations au long de la rive gauche de l'Itararé. Entre celle-ci et la rivière "Rio das Cinzas" s'est installée une grande population et plusieurs villages ont surgi, lesquels ont été liés par un chemin-de-fer.

Déjà au XXème siècle, avec le commencement du peuplement de Jacarésinho et Cambará, l'occupation du troisième plateau a eu lieu dans le nord du Paraná, impulsée par l'onde du café. Les "fazendas" de café se sont multipliées et de nouvelles villes et de nouveaux villages appurent. En 1920 le front pionnier se trouvait encore auprès du Rio das Cinzas, un peu au delà de Cambará, qui jusqu'à la fin de cette décennie était encore un point final du chemin-de-fer. Avec les activités de la Cie. des Terres du Paraná qui ont commencé en 1929, l'avance du peuplement s'est fait avec une rapidité jamais déparée auparavant. Avec la continuation de la construction du chemin de fer vers Tibagi le peuplement s'est intensifié autour de Bandeirantes et Cornélio Procopio. Ce fut, cependant, à l'ouest de la rivière Tibagi, dans les terrains de la Cie. des Terres du Nord du Paraná que l'occupation du sol s'est faite avec une rapidité et intensité vraiment extraordinaire, ayant pour axe le diviseur l'eau entre le bassin de l'Ivaí, et du Paranapanema. Et l'occupation continue vers les rivières du Paranapanema et de la confluence de celle-ci avec la rivière Paraná. L'extension du peuplement se fait aussi vers la rivière Ivaí, le long de la route qui menelle Maringá à Campo Mourão, où se vérifie en même temps le contacte du Nord avec l'ouest.

RESUMEN

El autor explica primeramente la técnica de elaboración del mapa representativo de la expansión del poblamiento, en el Estado del Paraná, por medio de líneas que indican, para cada fecha, la demarcación entre las áreas ya pobladas y las que no han sido todavía ocupadas de manera efectiva. Para ello, además del conocimiento actual de la situación obtenido por observación personal, fueron empleados los mapas antiguos, las indicaciones existentes en la bibliografía referente al Estado, etc.

Al tratar de las condiciones geográficas del poblamiento del Paraná, el autor describe sus antecedentes históricos. Estudia el origen de los primeros habitantes atraídos por las minas, el establecimiento de la pecuaria en el planalto de Curitiba, su expansión en los "Campos Gerais" y finalmente la ocupación de los campos del tercer planalto. Hasta 1850 el poblamiento fueron habitadas casi solamente las áreas de campo, y sólo un quinto aproximadamente del área total Estado estaba ocupada.

La frontera del poblamiento que hasta aquella época se encontraba poco alejada de la extremidad occidental de los campos generales, comenzó a tomar la dirección oeste hacia el año 1860. En la segunda mitad del siglo XIX nuevos factores vendrían cambiar el sentido de la economía del Paraná, influenciando áreas diferenciadas: de un lado, la inmigración se procesaría en grande escala; de otro, el desenvolvimiento agrícola del oeste paulista alcanzaría la frontera del Paraná. La valorización comercial del mate fué también un factor importante que estimuló la penetración de los pinares.

Esta expansión del poblamiento en las zonas forestales no se hizo con un ritmo uniforme. El análisis de las condiciones de la ocupación del Paraná permite distinguir tres zonas: el norte, el oeste y el centro. Desde el punto de vista físico estas zonas difieren cuanto a los suelos, al clima y a la vegetación.

En la parte central del Estado el poblamiento tuvo inicio con la colonización hecha por inmigrantes europeos. Dentro del área ocupada donde las facilidades de caminos y mercados estaban más o menos aseguradas, el europeo encontró todavía dificultades delante de la mata virgen. Estas se tornaron mayores cuando fué colonizada la región situada entre la base del tercer planalto y los campos generales a partir de 1875 pues los colonos estaban instalados en núcleos aislados, en la foresta virgen. La fijación de varios colonos ha sido asegurada por la explotación de la hierba mate, muy valorizada, sobre todo en la parte sur de la región forestal del según planalto en los valles del Iguaçu-Negro, al final del siglo XIX. También el ferrocarril y la explotación de maderas influenciaron de modo considerable el desenvolvimiento de la zona situada entre Teixeira Soares y União da Vitória, que es uno de los principales centros madereros del Paraná en este momento.

La zona central entre los ríos Ivaí y Tibagi (municipios de Reserva y Tibagi) sólo en pequeña parte sufrió la influencia de la colonización europea. Hasta poco tiempo han predominado en esta región el sistema de grandes propiedades ("latifundios") y los terrenos de dominio público ("terras devolutas") cuya ocupación fué hecha de manera espontánea y desordenada.

Al oeste el poblamiento se desarrolló debido a las estradas Ponta Grossa-Guarapuava-Foz de Iguaçú y la que sigue de União da Vitória hasta Palmas, Clevelândia y Pato Branco. Desde Guarapuava a Foz de Iguaçú, colonia militar fundada en el siglo XIX, las comunicaciones eran muy precarias. La instalación del telégrafo (1906) determinó la formación de algunos pueblos situados en las proximidades de puertos intermediarios.

En las orillas del río Paraná no tuvieron buen resultado las experiencias de colonización y el poblamiento se mantuvo estable alrededor de pequeños puertos fluviales a pesar de la explotación de la hierba mate en toda la región. También a lo largo de la picada de Guarapuava a Pitanga y Campo Mourão la ocupación avanzó de manera espontánea e irregular. Apoyado en estas dos estradas el poblamiento alcanzó espontáneamente la parte del planalto entre los ríos Ivaí e Iguaçú. Raramente los colonos fueron transportados para su núcleo, como en el según planalto, donde encontraban su porción de tierra ya delimitada y cuya propiedad le fuese asegurada al final de algunos años. En casi todo el oeste las tierras del Estado o las tierras de particulares fueron asaltadas por caboclos luso-brasileros o descendientes de colonos europeos en general, eslavos, semi-nomadas. Las características de este poblamiento impidió el reconocimiento de área que puede ser considerada como poblada: el límite es impreciso y los elementos de vanguardia están separadas del área civilizada.

A partir de 1920 el poblamiento se desarrolló considerablemente entre los ríos Ivaí y Piquiri, primeramente de manera espontánea, después en colonias fundadas por el Estado el año de 1939. Dos frentes pioneros pueden ser reconocidas actualmente al oeste: la primera situada en la región en torno de Campo Mourão, la segunda en las matas al oeste de Palmas, donde Pato Branco es el mayor centro que atrajo colonos del Estado, de Santa Catarina y del Río Grande do Sul especialmente.

La ocupación del norte del Paraná es el resultado de la expansión del poblamiento en el vecino Estado de São Paulo. De 1860 a 1870 se formaron los primeros establecimientos a lo largo de la margen izquierda del Itararé. Varios núcleos se instalaron entre este río y el Río das Cinzas.

En el siglo XX con el inicio del poblamiento de Jacarezinho y Cambará comenzó la ocupación del tercer planalto situado al norte del Paraná, alcanzado por la onda de café. Las haciendas de café se multiplicaron y nuevas ciudades y pueblos se formaron. El año de 1920 el frente pionero estaba situado próximo del Río das Cinzas, un poco allá de Cambará, que hasta el final de esta década era punto final de ferrovía. La fundación de la Cia. de Terras do Norte do Paraná (1929) aceleró el poblamiento, sobre todo en la zona de Bandeirantes y Cornélio Procopio, debido a la construcción de la ferrovía hasta Tibaji. Pero la ocupación fue rápida y intensa, al oeste de ese río, en las tierras de la Companhia de Terras Norte do Paraná, teniendo como eje el espigón — divisor Ivaí-Parapanema. La ocupación prosiguió al norte, casi en las orillas del Parapanema y de su confluencia con el río Paraná. El poblamiento se extiende también a lo largo de la estrada Maringá-Campo Mourão, donde ocurre el contacto del Norte con el Oeste.

SUMMARY

In the first part of this paper, the author explains the process used to obtain a map which represents the expansion of the peopling in the state of Paraná; this map shows lines which mark, for each date, the limit between the already occupied areas and the ones not yet completely peopled. Besides the actual knowledge of the situation obtained through personal observation, ancient maps, and bibliography, other elements were used in the elaboration of the map.

Studying the geographical conditions of the peopling of the State, the author analyses, initially, the hystorical antecedents. The origin of the first settlers, attracted by prospecting, is also studied; the installment of cattle — raising on the Curitiba plateau, the expansion of this activity to the Campos Gerais and the occupation of the third plateau.

In the XIXth century the occupation was limited to the areas where grasslands occur. Only about one fifth of the total area of the State was occupied until then.

The limit of the penetration which almost coincided with the western border of the grasslands, started to move westwards at about 1860. During the second half of the XIXth century, new factors would change the trend noted in the economy of the state, influencing distinct areas: on one side, immigration would be made in a large scale, and on the other the agricultural activity which was spreading on the west of S. Paulo would attain the border of the State.

The commercial valorization of mate was also an important factor which influenced the penetration of the Paraná pine (araucaria) forest.

The expansion of peopling in these forested zones was not made in an uniform rhythm. When analysing the peopling and its characteristics, three zones must be distinguished: the north, the west and the center.

From the standpoint of the physical landscape these zones differ in their soils, climate and vegetation.

The peopling of the central part of the State initiated with colonization with european immigrants. In this zone, inspite its being more or less settled already, the europeans had some difficulties with the virgin forest.

These difficulties were increased, from the last part of the XIXth century on, because the europeans settled in isolated nuclei scattered in the forest.

The extracting of mate, then highly evaluated, guaranteed the fixation of many of these colonists as it was the sole exportable product due to the difficulty of transport, large distances, etc.

The southern part of the forested region was thus peopled, including the valleys of the Iguaçú and Negro rivers.

A railroad and the exploitation of lumber also played an important role in the peopling of the zone between Teixeira Soares and União da Vitória, one of the most important lumber centers in Paraná.

The central zone between the Ivaí and Tibagi rivers was not entirely colonized by europeans. Until recently, large estates and vacant land predominated in this zone; intruders occupied this vacant land, an constituted a spontaneous peopling without any order. In the west, the roads that connect Ponta Grossa to Guarapuava — Foz de Iguaçú, União da Vitória to Palmas, Clevelândia and Pato Branco were an important factor in the peopling of this zone. From

Guarapuava to Foz do Iguaçu (military colony founded in the XIXth century) — communications were very difficult and only when the telegraphic line was constructed in 1906 some villages were formed.

Along the Paraná river the colonization failed and the peopling stagnated and was concentrated in few little fluvial ports even though the exploitation of mate in the region.

The peopling also advanced along the trail from Guarapuava to Pitanga and Campo Mourão. From these on the peopling advanced to the plateau, to the valleys of the Ivaí and Iguaçu.

In some rare cases the colonists were granted a lot and the property guaranteed after a number of years. A vast assault to the vacant lands took place.

From 1920 on the peopling along the Ivaí and Piquiri rivers started to have an enormous increment, first spontaneously and then in a colony founded by the State in 1939.

Two pioneer fringes can be recognized now in the west: the first, in the region around Campo Mourão, the second in the forests to the west of Palmas — were Pato Branco is the largest center — and to where many colonists from Santa Catarina — especially from Rio Grande do Sul — were attracted.

The occupation of northern Paraná resulted of the expansion of peopling in the neighbouring state of S. Paulo.

During the decade of 1860 the first settlements were established along the left margin of the Itararé river. Between the Itararé and the Cinzas river a numerous population settled and several urban nuclei appeared. These nuclei benefited later from the railroad.

The occupation of the third plateau was initiated in the XXth century with the establishment of Jacarézinho and Cambará. The properties dedicated to coffee planting multiplied and new villages and cities were formed.

In 1920 the pioneer fringe was still near the Cinzas, just beyond Cambará.

With the foundation of the Companhia de Terras Norte do Paraná (1929) the advance of the pioneer fringes was rapidly increased.

The peopling was activated, then, in the zone of Bandeirantes and Cornélio Procopio, with the advance of the railroad towards Tibagi. It was to the west of this river, on the land owned by the Cia. de Terras Norte do Paraná that the occupation was rapidly done, with an extraordinary intensity, using the divide Ivaí-Paranapanema as an axis. Beyond the land owned by the company the peopling advanced towards north almost to the margin of the Paranapanema, and towards west in the direction of the confluence of that river with the Paraná.

The peopling is also spreading along the road which connects Maringá to Campo Mourão; it is in this zone that the contact between the North and West is done.

ZUSAMMENFASSUNG

Im ersten Teil der vorliegenden Abhandlung erklärt der Verfasser die Methode die zur Herstellung der Karte der Ausdehnung der Besiedlung im Staat Paraná angewendet wurde, und zwar durch Linien die in der angegebenen Zeit die Grenze zwischen das besiedelte und noch unbewohnte Gebiet darstellen. Zu diesem Zweck wurden, ausser dem persönlichen Kenntniss des aktuellen Besiedlungszustandes, alte Karten, bibliographische Referenzen usw. benutzt.

Die geographischen Bedingungen der Besiedlung des Staates Paraná untersuchend betrachtet der Verfasser, erstens, die historische Vorgänge. Er untersucht die Herkunft der ersten Besiedler, die durch die Goldsuche angelockt wurden, die Entstehung der Viehzucht im Hochland von Curitiba, ihre Ausdehnung nach den *Campos Gerais* und endlich die Besiedlung des dritten Hochplateaus. Bis zur Hälfte des neunzehnten Jahrhunderts beschränkte sich die Besiedlung beinahe nur auf den Feldgebieten. Nur ungefähr ein fünfteil der Gesamtoberfläche des Staates befand sich zu dieser Zeit besiedelt.

Die Besiedlungsgrenze die bis zur Zeit sich kaum von Küstensaum entfernt hatte, begann, um 1860, sich gegen westen zu verschieben. In der zweiten Hälfte des neunzehnten Jahrhunderts begannen andere Faktoren die leitende Linie der Wirtschaft von Paraná in anderer Richtung zu lenken, mit Einfluss auf verschiedene Gegenden des Staates. Einerseits entwickelte sich die Einwanderung in grosser Masse, und andererseits erreichte die landwirtschaftlich räumliche Entwicklung des westlichen São Paulo die Grenze des Nachbarstaates Paraná. Auch die Bewertung des Matto hatte einen wichtigen Einfluss auf die Eindringung der dichten Araukarienwälder.

Diese Ausdehnung der Besiedlung in den Waldgebieten ging aber nicht ununterbrochen vor sich. Nach der Untersuchung der verschiedenen Faktoren die seit dieser Zeit auf die Besiedlung beeinflusst haben, und die Art und Weise durch welche diese sich ausübte, sind drei verschiedene Zonen zu unterscheiden: der Norden, der Westen und die Mittelzone. Was der physischen Gestaltung beantrifft unterscheiden sich diese drei Zonen durch Boden-, Klima- sowie Pflanzendeckunterschiede.

Der Anfang der Besiedlung im Mittelgebiet des Staates ist der Kolonization durch europäische Einwanderer zu verdanken. Innerhalb dieses mehr oder wenig schon besiedeltes Gebietes, in dem auch schon die Verbindungswege und Absatzmärkte in grossen ganzen festgelegt waren, fand doch der vor kurzen eingewanderte Ausländer grosse Schwierigkeiten im wilden Urwald. Noch schlimmer wurden diese aber als er als wirklicher Pionier die Kolonization des Gebietes dass zwischen dem Rand der dritten Hochstufe und die "Campos Gerais" gelegen ist begann. Dieses geschah im letzten Viertel des neunzehnten Jahrhunderts und die Kolonisten wurden in kleinen isolierten Gruppen in der einsamen Wildniss hineingesetzt. Die Mattewirtschaft die zur Zeit sehr einträglich war erlaubte das überleben vieler dieser Kolonisten da es das einzige Transportfähige Produkt darstellte in Anwesenheit der Verbindungsschwierigkeiten, allzugrosse Entfernungen, usw. Nach dieser Art und Weise bevölkerte sich das Südteil des Waldgebietes der zweiten Hochstufe in den Tälern *Iguaçu-Negro*, noch in den letzten Jahrzehnten des neunzehnten Jahrhunderts. Auch die Eisenbahn und die Holzwirtschaft hatten einen grossen Einfluss im Gebiet zwischen *Teixeira Soares* und *União da Vitória*, dass noch bis zu den heutigen Tagen einer der wichtigsten Holzzerzeugungsgebiete des Staates darstellt.

Das Mittelgebiet, zwischen den *Ivaí* und *Tibagi* Flüssen (Munizip *Reserva* und *Tibagi*) wurde nur in geringer Weise von der europäischen Kolonization in Anspruch genommen. Bis vor kurzer Zeit waren hier grosse Latifundien und staatlich Ländereien vorzutreffen. Diese wurden in unregelmässiger Weise durch Eindringler besetzt und es entstand dadurch eine ungeplante und verwirte Besiedlung.

Einen grossen Einfluss auf die Besiedlung hatte in fernen Westen der Bau der Landstrassen *Ponta Grossa*, *Guarapuava-Foz do Iguaçu* und von *União da Vitória* nach *Palmas*, *Clevelândia* und *Pato Branco*. Von *Guarapuava* nach *Foz do Iguaçu*, eine Militärkolonie des neunzehnten

Jahrhundert, liessen die Verbindungsmöglichkeiten viel zu Wünschen und nur mit dem Bau der Telegraphenlinie (1906) entstanden einige kleine Bevölkerungen an Zwischenstellen.

An den Paranaüfern gingen alle Kolonisationsversuche ein, die Besiedlung blieb rückgängig und beschränkte sich an der Umgebung der kleinen Flusshäfen, obwohl das ganze Gebiet in Ursache der Mattesammelnwirtschaft durchstriffen wurde. Auch längs des Waldweges von *Guarapuava* nach *Pitanga* und *Campo Mourão* dringte die Besiedlung stossweise und unregelmässig vor. Mit Unterstützung dieser zwei Eindringungswege hatte die Besiedlung im Gebiet zwischen den *Ivaí* und *Iguaçu* Flüssen Fortsetzung. Nur in einzelnen Fällen wurden die Kolonisten regelrechten Kolonien zugewendet, wie zum Beispiel auf der zweiten Hochstufe, und nur in diesen Fällen konnten sie mit einer vermessenen Landhufe rechnen und die Sicherheit dass diese in den nächsten Jahren auch ihr echtes Eigentum würde. In allgemeinen aber spielte sich im Westen ein regelrechter Ueberfall der staatlichen Ländereien oder riesigen Latifundien durch halbnomade luso-brasilianische "caboclos" oder Nachkommen europäischer Kolonisten, hauptsächlich eslaven. Diese unregelmässige Bevölkerungsweise erschwert wesentlich die Bestimmung der wirklichen Bevölkerungsgrenze da diese undeutlich erscheint und die Vorposten der Besiedlung abstechend weit in die Wildniss vordringen. Die grosse Waldbrände zur Ansetzung von Massrouen vernichten ausgedehnte Flächen des Waldes und beschädigten unglaublich den Boden.

Von 1920 ab entwickelte sich die Besiedlung zwischen den *Ivaí* und *Piquiri* in grossen Schritten, erstens ohne jede Vorplanung und später (1939) durch staatliche Kolonien dessen Gründung der unregelmässigen Landbesetzung ein Ende machen sollte. Im fernen Westen können heutzutage zwei Pionierfronts anerkannt werden: die erste im Gebiet der Umgebung von *Campo Mourão* und die zweite in den Wäldern westlich von *Palmas*, mit *Pato Branco* als Hauptzentrum, dessen Anlockungskraft nicht nur Kolonisten des eigenen Staates anzieht, sondern auch des Nachbarstaates Santa Catarina und hauptsächlich von Rio Grande do Sul.

Die Besiedlung des nördlichen Teiles des Staates Verursachte sich durch die räumlich Ausdehnung des Nachbarstaates São Paulo. Im Jahrzehnt von 1860 entstanden die ersten Gründungen am linken Ufer des *Itararé*. Zwischen diesen Fluss und der *Cinzas* setzte sich eine zahlreiche Bevölkerung an und verschiedene kleine Städte entstanden. Diese wurden später durch die Eisenbahn erreicht.

Schon im zwanzigsten Jahrhundert begann mit der Besiedlung von *Jacarezinho* und *Cambará*, im nördlichen Paraná, die Besetzung der dritten Hochstufe durch das vordringen der Kaffeewelle. Die Kaffeepazendass vermehren sich Tag zu Tag und neue Dörfer und kleine Städte schiessen auf. Um 1920 stand noch die Pionierfront in der Nähe des *Cinzas*, wenig entfernt von *Cambará*, und bis ende dieses Jahrzehntes war diese Stadt der Endpunkt der Eisenbahnschienen und die Eintrisspforte zur Wildniss. Mit den Einsetzen der Unternehmungen der *Cia. de Terras Norte do Paraná* (1929) erreichte das Vordringen der Besiedlungswelle eine noch nicht vorhergesehene Geschwindigkeit. Die Besiedlung beschleunigte sich im Gebiet von *Bandeirantes* und *Cornélio Procopio* mit dem vordringen der Eisenbahn in der Richtung nach *Tibagi*. Westlich dieses Flusses aber, in den Ländereien der *Cia. de Terras Norte do Paraná* erreichte die Besiedlung eine ungewöhnte Ausdehnung längs der Wasserscheide *Ivaí-Parapanema*. Noch weiter vorwärts ausserhalb dieser Ländereien setzte sich das Vordringen weiter fort und erreichte nördlich beinahe das Ufer des *Parapanema* und aringte westlich in Richtung des Zusammenflusses desselben mit dem *Paraná*. Auch in Richtung des *Ivaí* dehnt sich die Besiedlung längs der Landstrasse die *Maringá* mit *Campo Mourão* verbindet aus. Längs derselben übt sich die Berührung des Norden mit dem Westen aus.

RESUMO

En la unua parto de la artikolo la aŭtoro klarigas la teknikon de elaborado de la mapo, kiu reprezentas la ekspansion de la loĝatigo en ŝtato Paraná, pere de linioj, kiuj markas en ĉiu dato la limon inter la areoj jam loĝatigitaj kaj tiuj ankoraŭ ne efektive okupitaj. Por tiu celo estis uzitaj, krom la nuna kono de situacio, ricevita per persona observado, la malnovaj mapoj, la indikoj enhavataj en la bibliografio rilata al la ŝtato, k. t. p.

Studante la geografiajn kondiĉojn de la loĝatigo de Paraná, la aŭtoro prezentas komence la historiajn antaŭaĵojn. Li studas la devenon de la unuaj loĝatigintoj alitiritaj de la min-eksploatado, la instalon de la bestokulturo sur la altebenaĵo de Curitiba, ĝian ekspansion sur la Campos Gerais kaj fine la okupadon de la kampoj sur la tria altebenaĵo. Ĝis la mezo de la XIX-a jarcento la loĝatigo limiĝis preskaŭ nur en la areoj de kampoj. Nus ĉirkaŭ unu kvinono de la tuta areo de la ŝtato estis ĝis tiam okupita.

La limo de la loĝatigo, kiu ĝis tiam malmulte malproksimiĝis de la okcidenta bordo de la *campos gerais*, ĉirkaŭ 1860 komencis moviĝi al okcidento. En la dua duono de la XIX-a jarcento novaj faktoroj devus ŝanĝi la direkton de la Paraná-a ekonomio, influante super diferencajn areojn: per unu flanko, la enmigrado fariĝis grandamplekse, per alia, la terkultura progresado, kiu disradiis tra la okcidento de São Paulo, atingis la Paraná-an limon. Ankaŭ la komerca valorigo de la mateo estis grava faktoro instiganta la penetradon en la pinarbarojn.

Tiu ekspansio de la loĝatigo en la arbaraj zonoj ne fariĝis en unuforma ritmo, sub konstanta impulso. Analizante la kondiĉojn, laŭ kiuj procesiĝis de tiam la loĝatigo, kaj la trajtojn, kiuj ĝin karakterizis en Paraná, oni devas distingi tri zonojn: la nordo, la okcidento kaj la centro. El la fizika vidpunkto tiuj zonoj diferencas rilate al la grundoj same kiel rilate al la klimato kaj al la vegeta kovraĵo.

La komenco de la loĝatigo en la centro de la ŝtato estas ŝuldata al la koloniigo per eŭropaj enmigrintoj. Interne de la areo sufiĉe aŭ nesufiĉe loĝatigita, en kiu la facilaj pri vojoj kaj komercejoj jam estis pli malpli starigitaj, la ĵus aŭveninta eŭropano ankoraŭ trovis malfacilaĵojn, antaŭ la virga arbaro. Ili estis multe pli grandaj, kiam ili fariĝis pioniro per la koloniigo de la regiono situanta inter la bazo de la tria altebenaĵo kaj la *campos gerais*, ekde la lasta kvarono de la XIX-a jarcento, tial ke la kolonianoj estis instalataj en izolita lokoj, meze de la virga arbaro. La eltiro de la mateo, tiam tre valorigita, certigis la fiksdon de multaj el tiuj kolonianoj, tial ke ĝi estis la sola produkto eksportebla pro la malfacilaĵoj de la transporto, la troaj distancoj, k. t. p. Tiel loĝatiĝis la suda parto de la arbara regiono de la dua altebenaĵo ĉe la valoj de la riveroj Iguazu-Negro, ankoraŭ ĉe la fino de la XIX-a jarcento. Ankaŭ la fervojo kaj la eksploatado de ligno ludis gravan rolon en la zono inter Teixeira Soares kaj União da Vitória, ĝis hodiaŭ unu el la ĉefaj lignovendaj centroj en Paraná.

La centra zono inter la riveroj Ivaí kaj Tibagi (Komunumoj Reserva kaj Tibagi) nur en malgranda parto estis atingita de la eŭropa koloniigo. Ĝis antaŭ nelonge superregis tie grandaj terpropraĵoj kaj teroj sen posedanto, kien penetris uzurpuloj, starigante iun loĝatigon spontanean, malordan kaj malbone fiksitajn.

En la okcidento havis grandan gravecon ĉe la loĝatigo la vojo Ponta Grossa-Guarapuava-Foz do Iguazu kaj tiu, kiu iras de União da Vitória al Palmas, Clevelândia kaj Pato Branco. De

Gaurapuava al Foz do Iguaçu, milita kolonio fondita ankoraŭ en la XIX-a jarcento, la komunikaĵoj estis tre necertaj, kaj nur por la konstruado de la telegrafa linio (1906) formiĝis kelkaj vilaĝetoj apud mezaj punktoj.

Ĉe la bordoj de la rivero Paraná frakasis la provoj de koloniigo, kaj la loĝatigo restis malaktiva ne tre malproksimiĝante de la malgrandaj riveraj havenoj, kvankam en la tuta regiono estis farita la ekspluatado de la mateo. Ankaŭ laŭlonge de la vojeto de Guarapuava al Pitanga kaj Campo Mourão la loĝatigo iris pluen en spontanea kaj neregula maniero. Apogita sur tiuj du vojoj la loĝatigo ekspansiadis spontanee sur la peco de la altebenaĵo inter la riveroj Ivaí kaj Iguaçu. En maloftaj kazoj la kolonianoj estis aldirektitaj al iu kolonio, kiel sur la dua altebenaĵo, kie ilin atendis la jam difinita parcelo kaj la propeco de la tero garantita ĉe la fino de kelkaj jaroj. En la plej granda parto de la okcidento okazis vasta alsalto al la teroj sen posedanto aŭ al grandaj privataj terpecoj fare de portugaliaj-brazilaj enlanduloj aŭ de idoj de eŭropaj kolonianoj, ĝenerale slavaj, duonnomadaj. La karakteroj de la tiel procesita loĝatigo malfaciligas la rekonon de areo, kiu povas esti konsiderata kiel loĝatigita: la limo estas malpreciza kaj la elementoj de la avangardo estas izolitaj kaj nekonataj de la civilizita areo. La grandaj bruladoj, kiuj estas faritaj por la kulturo de la maizo, detruas vastajn areojn de arbaro kaj difektas nekredible la grundon.

Depost 1920 progresis grandege la loĝatigo inter la riveroj Ivaí kaj Piquiri, en la komenco spontanee, poste en kolonioj starigitaj de la ŝtato en 1939 kun la celo deteni la loĝatigan ondon, kiu okupadis malorde la regionon. Du pioniraj frontoj povas esti rekonataj nune en la okcidento: la unua, en la regiono ĉirkaŭ Campo Mourão, la dua, en la arbaroj okcidente de Palmas, kie Pato Branco estas la plej granda centro, altirante kolonianojn devenantaj de la ŝtato mem kaj ankaŭ de Santa Catarina kaj speciale de Rio Grande do Sul.

La okupado de la nordo de Paraná rezultis de la ekspansio de la loĝatigo en la najbara ŝtato São Paulo. En la jardeko de 1860 okazis la unuaj fondaĵoj ĉe la maldekstra bordo de la rivero Itararé. Inter ĉi tiu kaj la rivero Cinzas instaligis multnombra loĝantaro, kaj aperis diversaj urbaj centroj, poste servataj de la fervojo.

Jam en la XX-a jarcento, kun la komenco de la loĝatigo de Jacarézinho kaj Camborá, komenciĝis la okupado de la tria altebenaĵo en la Nordo de Paraná, atingita de la kafarbeta ondo. La kafbienoj multoblis kaj novaj vilaĝetoj kaj urboj ekaperis. En 1920 la pionira fronto estis ankoraŭ apud la rivero Cinzas, tuj post Cambará, kiu ĝis la fino de tiu jardeko estis ankoraŭ relekstremo kaj eniro al la kruda internlando. Kun la komenco de la aktivecoj de la Companhia de Terras Norte do Paraná (Kompanio de Teroj Nordo de Paraná) la antaŭeniĝo de la loĝatigo okazis kun rapideco ĝis tiam ne imagita. La loĝatigo akceliĝis tiam en la zono de Bandeirantes kaj Cornélio Procopio dank'al la antaŭeniĝo de la fervojo en la direkto al la rivero Tibaji. Tamen ĉe la okcidento de tiu rivero, en la teroj apartenantaj al la Companhia de Terras Norte do Paraná, la okupado procesiĝis kun rapideco kaj intenseco vere eksterordinaraj havante kiel akson la suprolinion de la apartiganto de la akvoj de la riveroj Ivaí kaj Paranapanema. Antaŭ la teroj de la Companhia ankaŭ jam antaŭeniris la loĝatigo ĉe la Nordo, preskaŭ ĝis la bordoj de la rivero Paranapanema, kaj ĉe la Okcidento, en la direkto al la kunfluejo de tiu rivero kun la rivero Paraná. Ankaŭ en la direkto al la rivero Ivaí ekspansiĝas la loĝatigo laŭlonge de la vojo, kiu ligas Maringá al Campo Mourão. Laŭlonge de tiu okazas la kontakto de la Nordo kun la Okcidento.